



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

HELOIZA SIQUEIRA ANDRADE DA SILVA

**GÊNERO TEXTUAL GRÁFICO NOS LD DE MATEMÁTICA: A
BUSCA POR SEU PERFIL**

Serra Talhada – PE
2018



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

HELOIZA SIQUEIRA ANDRADE DA SILVA

**GÊNERO TEXTUAL GRÁFICOS NOS LD DE MATEMÁTICA: A
BUSCA POR SEU PERFIL**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Serra Talhada, como requisito obrigatório para conclusão do curso e obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Thaís Ludmila da Silva Ranieri

Serra Talhada – PE
2018

HELOIZA SIQUEIRA ANDRADE DA SILVA

**GÊNERO TEXTUAL GRÁFICO NOS LD DE MATEMÁTICA: A BUSCA POR SEU
PERFIL**

Monografia apresentada e aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Thaís Ludmila da Silva Ranieri (UFRPE/UAST)
(Orientador/Presidente)

Prof^ª. Dra. Jane Cristina Beltramini Berto (UFRPE/UAST)
(Examinador 1)

Prof^ª. Dra. Bruna Lopes Fernandes Dugnani (UFRPE/UAST)
(Examinador 2)

AGRADECIMENTOS

Em uma vitória como essa, para mim e para minha família, agradeço a Deus e a Nossa Senhora por terem me dado forças para conquistar esse sonho, que é meu e dos meus pais, que não chegaram à esse grau.

Meus pais, João e Janeide, mais uma conquista para nós. Esse diploma que tanto almejei é também para vocês, que nunca desistiram de mim, sempre confiaram na minha potencialidade e garra. Meu pai, mesmo longe, sei do quanto torceu para que hoje tivesse uma filha com o Ensino Superior. Minha mãe, obrigada por tudo, sei do seu esforço para essa vitória. Jamais vou esquecer das noites em que chegava em casa e você só dormia quando sabia que tinha chegado bem.

Agradeço também a minha família por completo, mas gostaria de mencionar meus irmãos Laura e Vinicius, minha avó Luisa a quem devo muito, a todos os meus tios, em especial Tio Luciano, que foi meu exemplo e absolutamente todos que sempre torceram, incentivaram e disseram que eu conseguiria. Muito obrigada! A palavra de ânimo, pronunciada por cada um, mesmo os que não citei, foi extremamente importante para chegar onde cheguei.

A chegada até esse ponto também foi marcada por o amor, carinho e companherismo, deixando-me mais segura para realizar esse trabalho, então, não poderia deixar de mencionar meu namorado, Leandro. Amor, muito obrigada por estar sempre comigo, seja nos momentos bons ou ruins. Em um momento como esse, a sua presença também foi substância para a minha fortaleza.

Ao tratar de companherismo não poderia deixar de mencionar minhas grandes amigas, que a faculdade felizmente me deu: Adriana, Marília e Tâmara. Minhas amadas, vocês estão marcadas em meu coração, muito obrigada por tudo. A parceria que construímos, podendo dizer que foi se tornando uma irmandade, jamais será esquecida. Vocês são pessoas extremamente maravilhosas, as quais não quero perder o vínculo de maneira alguma, que isso não seja uma despedida, mas sim um: espere, que logo, logo a gente se junta.

Minhas babys (Marília e Adriana), obrigada por sempre me receberem em sua casa, por me deixar fazer parte da família. Tâmara, minha flor, você é também muito especial, obrigada por as conversas, conselhos, risadas e momentos vividos juntas, que foram muito bons. O que construímos, tratando-se de amizade foi lindo. O que consegui até aqui também foi subsidiado por a ajuda de cada uma de vocês, acreditem.

Ainda tratando-se do meio acadêmico, agradeço a toda minha turma 2018.1. Acredito que a parceria entre nós também foi muito válida, para a obtenção desse grau. Aproveito e desejo a todos muito sucesso nessa jornada da vida, e que nossa amizade não acabe por aqui, mas que seja fortalecida, mesmo com o tempo. Aproveito a oportunidade e agradeço a Welisson por também ter me recebido em sua casa, por sempre ser uma pessoa que demonstrava amizade e carinho para com a minha pessoa e a Luana, que sempre foi cordial, e hospitaleira, abrindo as portas de sua casa quando preciso, e mesmo sem estar na turma manteve seu contato, demonstrando carinho.

Ao me referir a academia, não poderia deixar de agradecer a todo corpo docente da UFRPE/UAST e os que já não encontram-se na Instituição, os quais ajudaram muito a minha

vida, trazendo conhecimentos científicos, mas também de mundo. Saibam que vocês são profissionais excelentes e felizmente tive a oportunidade de tê-los enquanto mestres. Que o sucesso seja cada vez mais constante na vida de cada um, e que possam ajudar a outros discentes com a formação grandiosa que têm. Gostaria de agradecer a todos, sem exceção de nenhum professor por o ensino de qualidade ofertado. No momento, gostaria de mencionar alguns nomes, os quais obtive um elo mais profundo, onde jamais irei esquecer. Meus queridos Eudes Santos, Andréia Andrade, Virgínia Cavalcanti, Renata Livia, que proporcionaram além do ensino, uma amizade e inspiração grandiosa.

Referindo-me a preparação grandiosa, e uma construção de amizade e exemplo, não posso deixar de mencionar minha orientadora Thaís Ludmila. Minha querida, muito obrigada por os conhecimentos repassados, por a paciência com meus escritos e mensagens via WhatsApp, por a disponibilidade de materiais, por todas as orientações acerca desse trabalho. Sem a sua ajuda eu não conseguiria concluir essa monografia. Serei extremamente grata por a excelente orientadora que foi e que felizmente eu tive.

Agradeço aos examinadores desse trabalho, Jane Cristina Beltrami Berto e Bruna Lopes Fernandes Dugnani, acredito que cada correção e auxílio para a melhoria dele foram extremamente fundamentais, até porque ninguém nasce pronto, mas sim se completa durante o trajeto da vida e acredito que cada palavra de vocês foi necessária, para que assim pudesse melhorar cada vez mais.

Tratando-se da melhoria diária, agradeço também às minhas amigas Mariana, Aryanny e Tays, que sempre demonstraram o poder da amizade e do companherismo. A parceria que temos, mesmo sem ser no meio acadêmico é fundamental. Vocês são especiais na minha vida, a presença de cada uma me fortalece. Com vocês consigo aprender muitas coisas e uma delas é o bem para com o próximo, o valor que um amigo de verdade tem e o amor e laço fraterno que se cria, quando a amizade é verdadeira, mesmo sem a uma ligação familiar.

Não poderia deixar de agradecer também a Whesley Santos, que ajudou-me bastante com questões computacionais, estando sempre de prontidão para ajudar no que era preciso, como também no apoio em tudo que precisei e na amizade verdadeira. Acredite que a sua ajuda foi fundamental, sem ela certamente tudo teria sido mais difícil.

Sendo assim, concluo minhas palavras agradecendo a tod@s que me incetivaram e que ajudaram-me de alguma forma até chegar aqui. Mesmo citando alguns nomes, deixo meu muito obrigada àqueles que não citei, pois sou ciente de que muitas ajudas eu tive até chegar nesse momento, onde a felicidade e o sorriso me preenchem completamente.

Deus abençoe cada um de vocês!

O gênero [...] é distinto em termos de forma, mas é fusão entre forma e substância; constitui a cultura; é mediador entre público e privado. Estas características baseiam-se “nas convenções do discurso que uma sociedade estabelece como formas de ação conjunta”

(MILLER, 1994, p. 36 apud MILLER, 2005, p. 134).

RESUMO

Neste trabalho, interessa-nos investigar a maneira como o gênero textual gráfico apresenta-se nos livros didáticos de Matemática (em uma coleção específica). Mediante essa investigação, o foco é perceber se no processo de ensino/aprendizagem o gênero textual em destaque é trabalhado a partir de uma visão em que ele é veículo de comunicação, ou, se o mesmo é trabalhado como um conteúdo de bases estatísticas. Sabendo que a escola é um dos espaços onde muitos gêneros textuais passam a ser conhecidos, buscamos analisar se com os gráficos nos LD de Matemática, o seu ensino encaixa-se nos padrões colocados anteriormente, seguindo os estudos de Sousa (2013), ou se há a apresentação do mesmo em outros padrões. Mediante a visão de Marcuschi (2003) e outros autores, em que todos os gêneros textuais são suportes comunicativos, que constituem-se em ações comunicativas, em uso dos falantes para agir no mundo e sobre ele, utilizamos uma metodologia, que buscou entender a forma como se constitui o ensino com relação aos gráficos, partindo de análises em todos os livros da coleção, em busca de uma possível conclusão acerca do nosso objetivo. A partir de análises qualitativas, analisamos cada exemplo de gráficos contidos na coleção “Projeto Araribá Matemática - 2014”, livros esses que foram entregues por o PNLD para o uso dos anos 2017, 2018 e 2019. De acordo com a visão geral do Plano Nacional do Livro Didático, a coleção apresenta interação entre os estudantes e alunos, mas tem um teor de informações muito grande, dificultando em alguns aspectos a aprendizagem de conceitos trazidos. A necessidade de entender como os alunos estudam e utilizam o gráfico na escolas é importante. Ele é um gênero muito representativo na sociedade e por este motivo a sua forma e função devem ser conhecido e reconhecido por todos que o usam ou não, para comunicar-se. Tendo em vista a dificuldade para encontrarmos estudos sobre os gráficos, apenas Sousa (2013), a nossa pesquisa conseguiu perceber que a representatividade do gênero em foco, elenca-se muito nos padrões opostos da função que todo e qualquer gênero textual desempenha em sociedade.

Palavras-chave: gênero textual; gráficos; LD de Matemática; forma e função.

ABSTRACT

In this work, we are interested in investigating the way the graphic textual genre is presented in the textbooks of Mathematics (in a specific collection). Through this research, the focus is to understand whether the teaching genre is based on a vision in that it is the vehicle of communication, or whether it is worked as a content of statistical bases. Knowing that the school is one of the spaces where many textual genres are known, we seek to analyze whether the graphs in the LD's of Mathematics, its teaching fits in the standards placed previously, following the studies of Sousa (2013), or if there is the presentation of it in other standards. Through the view of Marcuschi (2003) and other authors, in that all textual genres are communicative supports, that constitute communicative actions, in use of the speakers to act in the world and on it, we use a methodology, which sought to understand the how the teaching of graphics is constituted, starting from analyzes in all the books of the collection, in search of a possible conclusion about our objective. Based on qualitative analyzes, we analyzed each example of the graphics contained in the "Araribá Matemática Project - 2014" collection, which were delivered by PNLD for use in 2017, 2018 and 2019. According to the National Plan of the Didactic Book, the collection presents interaction among the students, but it has a very great information content, making difficult in some aspects the learning of concepts brought. The need to understand how students study and use the chart in schools is important. It is a very representative genre in society and for this reason its form and function must be known and recognized by all who use it or not, to communicate. Considering the difficulty of finding studies on the graphs, only Sousa (2013), our research has been able to perceive that the representativeness of the genre in focus, is strongly based on the opposite patterns of the function that every textual genre plays in society.

Keywords: textual genre; graphics; LD's of Mathematics; form and function.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Imagem 1: Introdução dos gráficos em LD | 40 |
| Imagem 2: Texto: perguntas e estrutura | 42 |
| Imagem 3: Boxe: gráfico, meio de comunicação | 45 |
| Imagem 4: Interpretação objetiva do gênero | 48 |
| Imagem 5: Processo construtivo do gráfico | 53 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1: quantidade total de gráficos na coleção..... | 37 |
| Tabela 2: presença dos gráficos enquanto introdução de conteúdo | 39 |
| Tabela 3: gráficos presentes em atividades | 46 |
| Tabela 4: gráficos a serem construídos em atividades | 51 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| Introdução | 13 |
| CAPÍTULO I | 17 |
| 1 Gêneros textuais: poder de relevância e construtor de saberes | 17 |
| 1.1 Gêneros textuais, breves reflexões | 18 |
| 1.2 Gênero como ação social: a perspectiva sóciorretórica | 20 |
| 1.3 Gêneros textuais no processo escolar | 24 |
| 1.4 Gráficos como gênero..... | 29 |
| CAPÍTULO II..... | 34 |
| 2 Gênero textual gráfico: conhecimento acerca da metodologia e resultados obtidos por meio da análise..... | 34 |
| 2.1 Aspectos metodológicos | 34 |
| 2.2 Processos analíticos | 36 |
| 2.2.1 Panorama da pesquisa feita nos LD de Matemática | 37 |
| 2.2.2 Critério 1– Introdução de conteúdo da disciplina..... | 38 |
| 2.2.3 Critério 2 – Gráfico em exercício no livro didático de Matemática | 46 |
| 2.2.4 Critério 3 – Construção dos gráficos: atividade de aula ou de vida? | 51 |
| Considerações finais | 56 |
| Referências | 59 |

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa tem por interesse averiguar de que maneira a coletânea de livros de Matemática (Projeto Araribá Matemática - 2014) trabalha o gênero textual gráfico. A partir disso, buscando entender se:

a) o seu estudo é voltado para função de gênero textual, como um veículo de comunicação na sociedade, ou;

b) se ele é representado como um conteúdo da área, trabalhando assuntos estatísticos. Diante dessas considerações, enquadramos a nossa pesquisa na área de Linguagem e Ensino.

Atualmente, conseguimos ver a presença de estudos voltados para os gêneros textuais e isso é muito importante, como também esses estudos ajudam a desmembrar a noção de que gênero e texto são a mesma coisa como Marcuschi (2003) pontua. Sobre essa questão, é necessário trazer Miller (2011) para a discussão, pois ela acredita que mesmo não sendo a mesma coisa, ambos estão sendo a realização um do outro.

Ao dizermos que existem muitos estudos acerca de gêneros textuais, concluímos que estudos voltados para os gráficos são menos numerosos. Sendo possível de perceber isso a partir de nossos embasamentos teóricos.

Tratando-se de uma coleção em específico e de um gênero textual, temos como hipótese a visão de que o gráfico pode ser trabalhado a partir de sua função social, atrelado a um conteúdo estatístico, que é a sua realidade mais visível. É necessário dizer, que a nossa pesquisa não enquadra uma verdade absoluta para todos os livros didáticos de Matemática, por tanto, a nossa hipótese e resultados são voltados para a coleção em questão (Projeto Araribá Matemática).

Acreditamos que até os dias atuais, os gráficos sejam apresentados em sua maior parte nas aulas de Matemática em um conteúdo propriamente e isso é algo que também se perpetua nos LD. Realidade essa que enfatiza mais ainda essa tradição, que é forte, porém não é inquebrável, e que com certeza será modificada a partir de mais estudos voltados para a área.

Acerca disso, também é possível retratar a necessidade dessa nova visão, justificada pelo fato de que o gráfico e demais gêneros perpassam as paredes da escola e a sua função na sociedade tem por objetivo estabelecer interatividade entre todos os falantes, deixando claro que a sua socialização é resultado do uso da linguagem, por meio das atividades culturais e sociais, como Reinaldo e Bezerra (2012) propõem em suas conclusões.

Desta forma, a nossa pesquisa tenta demonstrar, a partir da coletânea de LD - Projeto Araribá de Matemática (2014), o modo como os gráficos são trabalhados, analisando-os a

partir de critérios estabelecidos, que serão ponto forte para as considerações finais sobre a pesquisa. Com relação ao desenvolvimento de nosso trabalho, tornou-se necessário estabelecermos alguns questionamentos, para que assim conseguíssemos compreender de maneira mais efetiva a presença do gênero textual gráfico nos livros, que sem sombra de dúvidas é um grande aparato no ensino. Diante disso, nossas indagações se pautaram em:

- 1) Sendo reconhecido o gráfico como gênero textual, é possível que ele se configure assim na área de Matemática?
- 2) O ensino desse gênero, por parte dos professores, é trabalhado seguindo um ensino padronizado em forma e substância?
- 3) O ensino do gênero textual gráfico é constituído também em assuntos de realidade dos alunos?

Diante dessas questões, torna-se claro a nossa necessidade em entender o processo de ensino/aprendizagem para com o gênero textual gráfico. Verificando assim a sua forma de apresentação, estudo e socialização.

Atrelado a essa questão, trazemos Santos (2007), que acredita na necessidade do ensino de gênero textual, com um trabalho efetivo da Língua. Embora possa parecer distinto tratar de Língua na área de exatas, é algo necessário, pois estamos tratando de um gênero textual, que é realizado a partir do uso dela também. Partindo assim das questões: de que, o quê e para quem se fala, se escreve, assim como questões de interdisciplinaridade como Sousa (2013) pontua.

Mediante o entendimento que os gêneros são suportes de comunicação e interação, acreditamos que para isso é necessário uma metodologia baseada no uso, reflexão e produção, permitindo assim que o aluno construa o seu saber, como Santos, Mendonça e Cavalcante (2007) nos embasam.

Ao tratarmos dessa metodologia de construção trazemos à discussão Soares (2000) *apud* Sousa (2013) que acreditam na necessidade de articular os conhecimentos de mundo e científico, construindo assim uma interdisciplinaridade, desenvolvendo uma relação entre o mundo com os outros, levando o seu universo para estrutura social, concluindo uma interação verbal entre os indivíduos.

De acordo com Sousa (2013), conseguimos entender que os gráficos estão ativamente na vida social dos falantes da sociedade. Sobre isso, é importante que haja um ensino baseado nessas categorias e que percebamos que a leitura e uso deles é uma atividade cotidiana, significativa, com um valor muito grande e necessário de visualização.

Tendo em vista o desenvolvimento de nossa pesquisa voltada para os gráficos, estabelecemos objetivos acerca de informações pautadas no gênero em questão. Diante disto segue os seguintes objetivos:

- ***Objetivo geral***

- ✓ Analisar a função do gênero textual gráfico nos LD's de Matemática.

- ***Objetivos específicos***

- ✓ Discutir a noção de gênero textual, a partir de seu surgimento e função, mediante os espaços em que o mesmo se apresenta;
- ✓ Discutir o surgimento do gênero textual gráfico, a partir do seu surgimento e sua possível função nas escolas e na sociedade;
- ✓ Entender como é trabalhado o gênero de maneira geral, no processo de ensino/aprendizagem.

Para o cumprimento de tais objetivos, o nosso trabalho está organizado em dois capítulos que se complementam. Posteriormente à introdução, temos o Capítulo I, intitulado por: “Gêneros textuais: poder de relevância e construtor de saberes”, que se divide em quatro seções, que discutem o surgimento e função dos gêneros textuais, assim como a sua presença na sociedade, escola. Por fim, voltamos para o gênero gráfico, discorrendo sobre informações acerca de seu surgimento, função e realidade em livros didáticos mediante as conclusões de Sousa (2013).

No capítulo II, intitulado como “Gênero textual gráfico: conhecimento acerca da metodologia e resultados obtidos por meio da análise”, temos seis seções. São tratadas nesse capítulo os processos metodológicos e as análises, que foram pautadas em três critérios, concluindo assim a função dos gráficos nos LD de Matemática.

Nesses critérios, buscaremos de maneira clara, compreender como é configurado o ensino dos gráficos, ou seja, se ele é trazido enquanto conteúdo ou como gênero propriamente; se nas atividades trazidas existe uma reflexão com relação ao gráfico, ou se a resolução de atividades é um ato objetivo e mecânico, e, por fim, de que forma as construções dos gráficos são realizadas a pedido dos LD de Matemática. Desta forma, visando se existe um processo de reflexão acerca de todos os conhecimentos para colocar em prática na construção, ou se o conhecimento colocado é apenas envolvido na forma do gênero, ou seja, a sua estrutura propriamente.

Por fim, encaminhamos nossas considerações, a partir das análises realizadas, os dados, mediante o que o *corpus* (livros didáticos) nos proporcionou e, seguida pelas referências.

CAPÍTULO I

1. GÊNEROS TEXTUAIS: PODER DE RELEVÂNCIA E CONSTRUTOR DE SABERES

Segundo Marcuschi (2008, p.147), “o estudo dos gêneros se iniciou há mais ou menos vinte séculos atrás”. Acredita-se que seus estudos não eram delimitados como hoje, tendo-se em mente que os primeiros estudos eram basicamente voltados à literatura, sendo iniciados com Platão e Aristóteles. Os estudos de gêneros se consolidaram a partir de uma tradição poética, vinculada às posições de Platão e à tradição retórica a Aristóteles, respectivamente. (MARCUSCHI, 2008, p. 152).

De acordo com a tradição dos estudos em gênero, o termo gênero estava ligado à literatura, cuja noção se estendeu até o século XX. Para entender melhor o seu surgimento, trazemos Marcuschi (2003), que argumenta de forma clara acerca dessa discussão. Vejamos:

[...] uma simples observação histórica dos gêneros releva que, numa primeira fase, povos de cultura essencialmente oral desenvolveram um conjunto limitado de gêneros. Após a invenção da escrita alfabética por volta do século VII A.C., multiplicam-se os gêneros, surgindo os típicos da escrita. Numa terceira fase, a partir do século XV, os gêneros expandem-se com o florescimento da cultura impressa para, na fase intermediária de industrialização iniciada no século XVIII, dar início a uma grande ampliação. (MARCUSCHI, 2003,19).

Mediante os postulados do autor trazido, é possível notar a relevância dada aos gêneros textuais, assim como perceber que, de fato, a sua existência em oralidade e escrita tem uma representatividade muito sólida.

Acredita-se que no Brasil a sua chegada foi notada a partir da década de 90, partindo de uma linha bakhtiniana. Segundo Marcuschi (2008) muitas universidades buscaram analisá-los partindo de linhas como a já dita, até uma perspectiva swalesiana, e sistêmica-funcional. Sendo possível de se compreender, que Bakhtin foi um grande exemplo, para os estudos em terras brasileiras.

Depois do exposto, buscaremos, neste capítulo, tratar as questões voltadas propriamente para informações acerca da discussão em torno das definições de gêneros textuais e seu uso no ambiente didático, social. Além de tratarmos de informações voltadas propriamente para os gêneros textuais de maneira panorâmica, focaremos a nossa discussão no gênero textual gráfico. Para isso, dividimos este capítulo em quatro seções, que tratarão do processo de ensino com os gêneros textuais desde a sua definição até o seu uso no processo de

ensino, focalizando no ambiente escolar, com as aulas de Matemática e restringindo-se ao gênero textual gráfico.

1.1 – Gêneros textuais, breves reflexões

Ao falar de gêneros textuais, trazemos Marcuschi (2003), que nos diz que eles são fenômenos históricos, que possibilitam a comunicação entre a sociedade, e que são também um artifício para a interatividade. Sobre eles, é possível falar, que o seu surgimento está ligado a questões históricas, sociais e ideológicas dos seus falantes, fomentando ainda mais a visão de que eles se originam pela necessidade de comunicação, como também de questões culturais que cada um tem.

Os gêneros textuais são veículos de comunicação práticos, moldáveis. Porém, é necessário fazer uma ressalva. Marcuschi (2003, p. 25, grifo nosso) diz que: “Gêneros são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos *específicos*.”. Desta forma, é relevante dizer que eles são exercidos mediante os espaços próprios e que embora eles sejam recursos de comunicação na sociedade, é necessário saber que a sua utilização é determinada por domínios discursivos de cada âmbito.

Não se pode dispor de uma regra acerca de sua utilização. É necessário ter noção de que todos os falantes podem e devem usar os gêneros textuais, mas que cada espaço é restrito a cada gênero, estabelecendo assim padrões, como a questão do uso da Língua, que também é exercida a partir disso. Mesmo sabendo que existe uma variedade enquanto o uso dela. Tratando-se de gêneros textuais e Língua, concluimos aqui, que não é possível desmembrar o ato de aprendizagem da Língua e interação na sociedade sem deter-se aos gêneros textuais.

Delimitando-se ao conceito de gênero, torna-se possível dizer, que eles conseguem modificar uma sociedade, ou mesmo, as posições dos seres que a formam, dando a oportunidade de levar em conta as experiências humanas dentro de todos os sentidos, assim como acrescentar as que ainda são individuais, privadas.

Os gêneros são veículos de comunicação, totalizante de todas as experiências obtidas pelos ser. A partir do seu uso, eles modificam-se a partir das necessidades existentes na sociedade. Sobre isso Reinaldo e Bezerra (2012), nos dizem que mesmo eles estando enraizados em práticas sociais conhecidas atendem a necessidade dos seus usuários de mudar-se para haver uma linearidade de uso por os seus falantes, atendendo assim as situações novas,

efetivando uma comunicação mais compreensível por meio desses gêneros textuais, que se modificaram para melhorar a interatividade.

Ao tratarmos dessa definição, Carvalho (2005, p. 149) informa-nos que “Gêneros, portanto, estruturam, organizam, enquadram e regulam ações e interações sociais, tanto naquilo que ela tem de semelhante ou de inusitado”. Vendo assim que, esse artefato que utilizamos para a comunicação, é extremamente importante para a usabilidade da Língua, que é expandida por meio da comunicação, exercida pela oralidade ou escrita, possibilitando assim um espaço comunicativo de maior interação e de conhecimento da Língua a qual o ser fala, garantido assim uma firmeza acerca de questões de conhecimento ou não.

Delimitando-se a escrita, temos como exemplo uma monografia, a qual poderá transformar muitas informações acerca de vários assuntos. Temos também a fotografia, que embora não tenha escritos, pode ressaltar lembranças, que resultam em diálogos, como também pode auxiliar em um determinado evento, que necessita de uma pista para tal resolução, notando assim, que em nossa vida, grande parte dos artifícios que utilizamos, são resultados de um gênero textual específico.

Trazendo a questão da fotografia, buscamos mencionar Carneiro e Gomes (2015), que argumentaram diante de um trabalho com tirinhas, a conclusão que até as imagens caracterizam-se enquanto gêneros. Perceberam que o uso da imagem na tirinha foi essencial para a compreensão do exemplar como um todo, caso não estivesse presente, tornaria quase impossível a compreensão das tirinhas. Argumentaram também, que os gêneros que basicamente resultam em imagens, podem trazer uma mensagem, como também trabalhar toda a construção histórica que o ser tem, os seus conhecimentos de mundo e de Língua, também.

Diante disso, conseguimos entender até o presente, de acordo com Marcuschi (2003, p. 21) diz que há o uso da escrita e da oralidade e que eles se constroem dia após dia, em todos os lugares e que seu uso é fundamental para a comunicação em sociedade e mesmo modificando-se, há um enquadramento com a sociedade.

Tratando-se desse artefato enquanto prática social, convém ressaltar que a seguinte sessão, intitulada como: Gênero como ação social: a perspectiva sociorretórica, apresentará os gêneros em sua desenvoltura como um todo, assim como alguns exemplares acerca do que estará sendo dito a partir das conclusões de Reinaldo e Bezerra (2012), mediante a visão de que eles são ponto de interatividade e de Miller (2012), retratando que por meio dos gêneros textuais é possível alcançar o que se deseja, mediante o seu uso.

1.2 - Gênero como ação social: a perspectiva sociorretórica

O gênero textual é a materialização de formais verbais ou não, que representam e possibilitam uma ação comunicativa e que surge diante da necessidade dos falantes de uma sociedade. Embora cada um tenha uma estrutura diferente, nota-se que de maneira geral, todos eles surgem como requisito de auxílio para a comunicação entre os falantes de uma sociedade.

Diante dessa comunicação, sabe-se que cada espaço é restrito para determinado gênero textual e isso é o grande diferencial, pois assim consegue-se notar que em todos os espaços da sociedade são ativos pela necessidade de comunicação e tem gêneros textuais como mecanismo de interação, que modifica-se de acordo com o tempo. Mesmo tendo essa mudança, é necessário dizer que a sua essência é a mesma, por este motivo é possível ressaltar a validade de seu uso.

Ao tratar da importância deles, enquanto fator de comunicação por todos os interlocutores em uma sociedade, trazemos a discussão Reinaldo e Bezerra (2012, p.75) que dizem: “[...] Esses aspectos (interação social, tempo e espaço) influenciam os gêneros de tal forma que ao mesmo tempo que são flexíveis, são também tipificados, a ponto de serem reconhecidos como tal”. Tratando-se dessa pontuação, vemos que não há um limite extremo para o gênero, o que há na verdade são adequações próprias, que permitem a usabilidade dele, e seu re/conhecimento, tornando-se assim possível toda uma reflexão.

Pontuadas essas questões de usabilidade e identificação própria, notamos que mesmo com a evolução dos gêneros decorrentes do tempo e da própria cultura de cada sociedade, que ativa seus conhecimentos próprios, os falantes conseguem mesmo assim se comunicarem, como maneira até mesmo de trocarem o que tem de saber e somar a isso o que já tem, determinando assim, que o gênero também seja um veículo de enriquecimento de bagagem.

Diante dessas informações, podemos dizer que gênero é sinônimo de ação na sociedade. Falando assim, conseguimos entender que a cada espaço há uma sociedade existente, ou seja, a nossa casa, a nossa escola, nosso trabalho, cada um deles completam uma sociedade maior, mas também em si são uma pequena sociedade, que é reconhecida pelo uso da fala e dos gêneros textuais. Ao trazer essa informação, a visão de que gêneros textuais é recurso de conhecimento apenas nas escolas cai por terra, concluindo assim, que a escola é um espaço de comunicação também e não apenas.

Ao citar a escola, torna-se necessário dizer que mesmo o falante tendo ou não um grau estudantil, o uso dos gêneros acontece da mesma forma. Justificamos isso por saber que eles

estão em todos os espaços, atribuindo a cultura de cada ser, que é única. De forma consciente ou não, esse falante ajuda a propagar as informações uns aos outros, mesmo sem um conhecimento estudantil.

Ao defendermos isso, afirmamos que todo o sentido dele também é reflexo da ação. A sociedade é espaço importantíssimo para ele, assim como a ação exercida por ele também é, porque assim como uma Língua, se o gênero não for usado, ou ele morre, ou modifica-se. Tal questão não pode ser vista como um aspecto amplamente ruim, tendo em vista que a sociedade está mudando, evoluindo e os gêneros precisam acompanhar tal evolução.

Arelado a essa questão, fazemos um paralelo com a Língua, que está ligada ao gênero também. Ela só é viva porque alguém a usa, e também porque ela se adequa ao tempo em que seus falantes estão, caso contrário, ela desaparece, ou mais comumente se adequa a realidade de tempo e espaço a qual está inserida.

Notando que a sociedade é relevante para o surgimento e uso da Língua materna, como também dos gêneros textuais em uma mesma escala, conclui-se que a sociedade é ponto crucial para tudo que envolva o gênero, pois ação é resultado de um motivo e uma situação materializa-se nela junto ao veículo em questão. Sendo assim, é necessário dizer que o gênero textual não é algo pouco utilizado ou plástico de forma extrema, mas sim, que ele é algo que segue uma linearidade em relação a tudo que está ligada ao seu uso.

Percebendo a sua relevância, notamos que a reflexão acerca do que se tem de conhecimento, seus pontos de vistas, somados a ação que o gênero tem, permite que questões que estão complexas, tornem-se mais flexíveis, mesmo que exista um grau de dificuldade. É possível dizer, que há ativação de conhecimentos e com isso existe um trabalho de análise acerca do que está como foco (a sociedade, a situação, o gênero a ser usado, a fala ou a escrita propriamente) não existindo assim um engessamento em relação a situação em questão.

Acerca dessa discussão, Miller (2012) nos diz que essa flexibilidade é compreensível, mas há a necessidade de entender que os gêneros e a situação a qual o mesmo está sendo usado é simbolizado também por uma exigência. Sendo assim, ela deve existir também como forma de entendimento sobre a existência de um motivo social, o qual não é aleatório, mas sim condicionado por uma demanda de questões, que podem ser particulares ou conjuntas, diante do que está sendo vivido.

Trazendo essa questão, ressaltado que situações não são iguais, embora o gênero usado possa aparecer em outras semelhantes, a sua forma de tratamento, como o falante articula sua fala, o que ele tem de conhecimento, é único. Ao falar disso, concluímos que os gêneros tem o poder de agir, modificar, refletir, tornar a situação diferente, a partir de sua individualidade.

Acerca dessa discussão, falando sobre forma e substância, trazemos Miller (2012, p 33) que nos diz, que a forma ao qual o gênero é construído “modela a resposta do leitor ou ouvinte à substância ao fornecer instruções”, ou seja, é pelo uso da fala ou da escrita propriamente, que os usuários daqueles gêneros conseguem modificar o que o outro sente e tem como certo ou não.

Tratando-se tanto dessa ação modificadora que os gêneros dispõem, seja por a fala, ou escrita, materializando-se, por exemplo, em um seminário, palestra, livro, reportagem, ou foto propriamente, vemos que o que é posto em questão permite trabalhar tudo o que é relativo à volta dos seres postos a frente desses exemplos. Nesse contexto, onde a sociedade é espaço essencial, percebemos que os gêneros textuais sendo usado em prol da sociedade, permitem realizar uma ação conjunta com toda a cultura que a comunidade tem, que o falante tem e o que possui de saber acerca da vida, de suas posturas vistas de forma positiva ou negativa, resultando em um processo de informação bastante consistente e acima de tudo, levando o que todos os falantes tem de bagagem.

Ao tratar dos gêneros textuais, notamos que essa ação social é muito mais do que saber, por exemplo, que saiu no jornal a morte de uma pessoa influente, é saber que por aquele texto (resultado do gênero reportagem), que muita coisa está em jogo, de que algo precisa ser feito. Sendo nós leitores daquele jornal, precisamos nos sensibilizar, pensar, refletir e agir mais. Essa ação social é também o despertar para tudo o que está à volta, o que é visto como bom, ruim, possível ou não de mudança.

Tratando dessa postura que, o gênero é suporte para a mudança, sendo um artifício de transfiguração e despertar, trazemos para discussão Miller (2012), que diz o seguinte:

Como uma ação significativa e recorrente, um gênero incorpora um aspecto de racionalidade cultural. Para o crítico, os gêneros podem servir tanto como um índice aos padrões culturais quanto como ferramentas para a exploração das realizações de falantes e escritores particulares; para o estudante, gêneros servem de chave para entender como participar das ações de uma comunidade. (MILLER, 2012, p.41)

Acerca do que Miller (2012) acredita, conseguimos entender que o gênero é um construtor e reconstrutor de informações passíveis de mudança e que para cada ser que o usa ou é modificado por ele, consideravelmente os resultados terão um grande valor.

Perante essas informações, concluímos que o uso e a propagação tem permitido essa força modificadora e de demonstração de que a informação tem poder. Exemplificando a questão de utilização, citamos nossa memória. Há tempos atrás tínhamos algumas posições acerca de alguns temas e que talvez não fossem necessários de uso e que hoje são, e que nós

os remodelamos para que essas memórias difundidas de argumentos se articulem nos dias atuais. A situação dita se encaixa nos gêneros textuais.

Diante dessas informações, trazemos alguns exemplos para a discussão. Temos o retrato falado, que em sua potência, pode possibilitar que alguém que fira os princípios da sociedade seja combatido, mesmo sem que haja uma escrita naquele exemplo, certamente quem o vê, terá muita mais cautela em suas ações, será mais analítico no meio em que convive. Há também os cartazes escritos em manifestações de rua, que tem a representatividade escrita, mas também se articula na oralidade, permitindo assim que seja visto e revisto tudo o que é defendido ou denunciado.

Ainda tratando de exemplos, temos os blogs, as redes sociais, que muito embora sejam veículos de ação social por meio virtual, tem um poder imenso de veiculação, tendo em vista muitas vezes o repasse de informações em tempo recorde pelo WhatsApp, por exemplo, que pode sem sombras de dúvidas mudar, ou alertar a opinião do seu leitor/usuário de tal gênero. Sobre esse uso das redes sociais, é necessário dizermos, que em uma sociedade extremamente tecnológica e informada o uso dos gêneros textuais é muito vigente, e no caso do uso com a internet, é muito notória a propagação de informações.

Com isso, notamos claramente que os gêneros textuais são aqueles meios retóricos, que leva todos os seres humanos a refletirem acerca do que os mesmos trazem. Tratando-se dessa reflexão, é possível entender que ele é acionado pela motivação exercida na situação em questão, fazendo referência a um contexto maior, que seria o público e um contexto menor, o ser propriamente, sendo entendido como o privado, e que no fim, tudo isso possui um grande significado para si e para a sociedade.

Nota-se que ação exercida ultrapassa uma visão estrutural, e que mesmo tendo os gêneros a presenças em espaços jurídicos, religiosos, estudantis, culinários, jornalísticos, os seus usuários conseguem articulá-los bem a cada realidade, possibilitando que haja o entendimento de regularidade para a adequação própria de cada espaço, tornando assim compreensível para todos que, para cada ação exercida existe um objetivo e que esses são alcançados diante de uma reflexão existente antes, durante e depois do processo de uso.

Sendo assim, conseguimos entender que a ação exercida na sociedade pelos gêneros textuais, é ponto crucial para o entendimento de muita mudança refletida, aceita ou não em nossa sociedade, como também é o mais valioso espaço para poder articular todos os conhecimentos fornecidos por ele. Tratando de conhecimento, gostaríamos de ressaltar, que o próximo texto tratará justamente da questão do gênero textual no espaço escolar, que é um

ambiente extremamente necessário para a articulação e aprendizagem de saberes e informações também.

1.3 – Gêneros textuais no processo escolar

A escola é um espaço social também, mesmo sendo menor, ela compõe uma sociedade maior, e por isso acreditamos na visão de que o espaço educacional é um local adequado para o ensino de gêneros textuais. Ao dizer adequado, acrescentamos que não é o espaço que se limita ao ensino deles, mas sim que é um ambiente onde os discentes terão um maior contato e estudo. Sabemos que eles existem na sociedade como forma de comunicação e interação, porém nem sempre há uma visão disso, acarretando toda a responsabilidade para a escola.

Com isso, tratamos aqui, que a escola é um suporte de conhecimento sobre os gêneros textuais, onde é possível um aprofundamento maior, mas a prática fora desse ambiente é essencial. Essa questão é um ponto primordial a ser refletido. Por meio de uma postura de reflexão, abordamos uma questão interessante que é um ensino baseado na figura de gênero e texto sendo a mesma coisa. Sobre isso, trazemos Marcuschi (2003) que diz:

Assim, para a noção de *tipo textual* predomina a identificação de *sequências linguísticas típicas* como norteadoras; já para a noção de *gênero textual*, predominam os critérios como *ação prática, circulação sócio-histórica, funcionalidade, conteúdo temático, estilo e composicionalidade*. (MARCUSCHI, 2003, p. 24)

A partir das conclusões de Marcuschi (2003) notamos que não há como dizer que ambos tratam-se da mesma coisa. Além disso, é possível dizer que enquanto os tipos de textos são restritos, os gêneros são inúmeros.

Percebemos que o texto não é apenas o resultado de uma ideia posta no papel. Esse texto se encaixa em um perfil, que as suas questões de composição, estrutura, devem ser vistas. Afinal, a sua veiculação também é reconhecida por isso e por sequências tipológicas conhecidas por a narração, argumentação, injunção, descrição e a argumentação (grande diferencial acerca dos gêneros).

No entanto, os gêneros em sua essência, significam a materialização de formas verbais ou não, que tratem de assuntos gerados e vinculados na sociedade, trazendo toda uma bagagem cultural, histórica, social e que incontrolavelmente se modifica como Reinaldo e Bezerra (2012) propõem.

Visto esses dois componentes do ensino, vale ressaltar, que mesmo tendo características diferentes, ambos estão interligados. Não há como fazer uma dissociação entre

eles. Ao mencionarmos que eles estão interligados, trazemos Marcuschi (2003, p. 22) que diz: “Partimos do pressuposto básico de que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *gênero*, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *texto*”. Sendo assim, torna-se necessário incluir no processo de ensino/aprendizagem essa informação para os alunos, tendo em vista que essa noção de texto igual a gênero ainda é muito presente no ensino e precisa ser esclarecida.

Ainda acerca dessa discussão, vemos que Miller (2011, p.21) parte do seguinte princípio: “[...] o gênero é, [...] uma questão de acordo social. O texto tende a ser um material determinado, ou um modo de materialização de um enunciado ou de um discurso verbal”. Desta forma, notamos que o ensino de gênero textual deve ser ensinado, a partir da clareza dessa diferença e de uma interligação inquestionável.

Sabendo da importância dos gêneros textuais, cientes de toda a sua imensidão enquanto exemplares, e sua própria vinculação na sociedade, acreditamos fielmente na questão de que o professor primeiramente conheça os gêneros que os seus discentes conhecem e reconhecem. Após isso, ele começa o ensino trabalhando as questões estruturais, sócio-comunicativas que os envolva, como também os espaços aos quais eles circulam.

À medida que se faz esse conhecimento, mesmo sabendo da plasticidade que os gêneros possuem, torna-se necessário deixar bem claro que cada um tem seu espaço de vinculação, onde tal “regra” não pode ser quebrada, permitindo assim que os discentes percebam isso. Deixado claro que sua circulação e todo o seu propósito é alcançado pela sua individualidade, como também, que as ações trazem uma comunicação na sociedade.

Tratando do trabalho com os gêneros conhecidos, é necessário trabalhar com os que não são. Desta maneira, inicialmente, é adequado partir do conhecimento dos mesmos, buscando entender o que é habitual, reconhecido por os discentes e também buscando ver o conhecimento dos discentes acerca das questões culturais, sociais, históricos sobre o gênero que estará em foco na aula e sobre a vida deles (alunos) também.

Ressaltados esses conhecimentos de mundo, é possível os alunos se engajarem mais, participarem de forma mais efetiva, como resultado do conhecimento que eles têm, tornando o estudo considerável. Sabendo que a sala é repleta de saberes únicos, a experiência dita por cada ajuda no processo de ensino, satisfazendo os discentes e sendo uma estratégia a mais para que eles vejam que a sua realidade é importante para uma sociedade maior.

Acerca dessa discussão, Reinaldo e Bezerra (2012) partindo das ideias de Amy Devitt, acreditam que o ensino de gêneros textuais inclua três pedagogias, que são inter-relacionadas, sendo elas: a partícula, processo e contexto. A primeira está relacionada a todo o

conhecimento referente à linguagem e a forma constituída do gênero; a segunda considera o processo construtivo, partindo dos conhecimentos prévios dos alunos acerca do exemplar e a última, respectivamente, considera a capacidade do aluno de criticar e até mesmo de modificar o gênero, trabalhando dessa forma a consciência crítica referente ao gênero. Diante de um trabalho efetivo como esse, o trabalho é mais completo em relação ao que eles trazem de bagagem, tornando assim um resultado satisfatório.

O ensino com os gêneros textuais devem ser feito com o objetivo de que os alunos coloquem em prática essa aprendizagem. Se possível, que na sala sejam realizadas até as situações em que esses gêneros se enquadram, fazendo com que o aluno sinta verdadeiramente a forma como ele se apresenta e é utilizado na sociedade.

Sabemos que o ensino dos gêneros textuais é muito cobrado nas escolas. Por este motivo, acreditamos que realizar um trabalho de reconhecimento enquanto características tipológicas, o que o texto tem a dizer, sua veiculação, sua importância dentro da sociedade, é fundamental. Contemplando assim o que a escola pede, como também o seu uso, que a sociedade necessita.

Atribuindo esse estudo das características estruturais e sociais, torna-se necessário partir do mesmo princípio para os estudos com os gêneros que não são da realidade dos alunos. Justificamos isso por saber que é uma necessidade e uma cobrança. Diante disso, que haja um equilíbrio nesse processo, para que no fim, os gêneros textuais conhecidos e desconhecidos por os alunos tenham uma equivalência e que os discentes saibam como utilizá-los. Será um conhecimento mais crítico, reflexivo, criando oportunidade dos alunos obterem mais informação.

É necessária uma cautela nesse processo, logicamente, tendo em vista que é muito comum os discentes não terem contato com alguns gêneros estudados, portanto, cabe ao professor iniciar a partir dos conhecimentos prévios dos alunos, e enquadrando e acrescentando as informações, para que haja um entendimento melhor e mais claro.

Enquadramos esse ensino não apenas para os gêneros textuais em estudo da Língua Portuguesa, mas sim em todas as disciplinas. É claro que na disciplina citada existe um espaço maior, mas nada impede que haja um trabalho efetivo para com as outras disciplinas. Cada uma tem a sua especificidade, neste caso, basta usar o que cada uma atribui para o ensino.

Ao tratar dessa questão de trabalho para com todas as matérias, trazemos a Biologia, por exemplo. Os alunos poderão ver reportagens e gráficos, demonstrando índices de mortalidade; em Matemática poderão ser explicitadas a situação econômica do país em artigos

científicos; em Geografia, a representação por gráficos em relação a economia. Tratando-se de outra semiose, poderão ser estudadas fotos antigas em História acerca de ações do passado e atuais, respectivamente, dentre tantas outras oportunidades, como as charges, que trabalham efetivamente o conhecimento crítico em relação ao assunto, ativando os conhecimentos prévios, para compreensão do que está exposto.

Notamos que o gênero textual se apresenta, em todas as disciplinas escolares. A partir dessa afirmação, é necessária a compreensão por parte de todos, levando os alunos a acreditarem que a presença dos exemplares não é apenas a representação de um texto, ou uma fotografia respectivamente, mas sim toda uma história construída por a sociedade. Assim, será possível conhecer onde ações foram desenvolvidas, até que chegasse a uma representação escrita e fotográfica. Acerca dessa informação, Reinaldo e Bezerra (2012, p. 79) dizem:

[...] o ensino explícito do gênero favorece o desenvolvimento da capacidade do aluno de falar sobre gêneros, de reconhecer seu desempenho e dos demais enquanto produtores de textos, fundamentados em gêneros, e de refletir sobre o papel desses gêneros na sociedade. (REINALDO E BEZERRA, 2012, p. 79)

A partir das conclusões de Reinaldo e Bezerra (2012) consideramos que o ensino será mais efetivo. A utilização dessa metodologia intertextual auxiliará todo o processo estudantil, que auxilia no processo de ensino/aprendizagem.

Falamos dessa conexão, justificando-nos por o uso da Língua. Mesmo sabendo que existe a visão de que ela pode ser estudada apenas em LP, acreditamos que pode ser estudada nas outras. Afinal, elas necessitam de uma leitura, uma interpretação, não se pode ter questões como: quanto é uma uva mais outra uva, mas sim um texto que seja interpretado para chegar ao resultado correto. Concluindo o aspecto intertextual.

Usando o gênero com um trabalho acerca de ações na sociedade, notamos claramente um trabalho eficaz, podendo existir assim produtores de gêneros em uma imensidão de exemplares. A apresentação e estudo de gêneros, realizado de forma substancial possibilitará futuramente o despertar para a existência de repórteres, blogueiros, pintores, fotógrafos, chargistas, mestres de cozinha, dentre tantas outras profissões.

Partindo dessa possibilidade despertadora de possíveis trabalhos no futuro, concluímos que a realização de um trabalho bem feito com os gêneros textuais, também é um artifício para o que os discentes desejam seguir enquanto profissionais.

Ao tratarmos da maneira como trabalhar-se os gêneros textuais, partindo da situação sobre os que já conhecem e não conhecem, é necessário também dizer que a conduta do professor acerca dessa aprendizagem é relevante, pois a eficiência de uma aprendizagem

deve-se também as ações exercidas pelo docente. Não estamos aqui defendendo a postura de colocar toda a responsabilidade sob o profissional, mas as condutas do mesmo serão ponto forte para um ensino bom, com resultados satisfatórios. É necessário que esse conhecimento parta primeiramente do docente, que compreenda o gênero enquanto fator de comunicação na sociedade, em sua metodologia.

Torna-se indispensável para o ensino, que o docente traga uma variedade de gêneros. Que esse estudo seja realizado por meio de etapas. Permitindo que os alunos comecem a entender as características dos gêneros, como se apresenta na sociedade, os seus espaços de utilização, realizando um ensino crescente e construído, ou seja, que não sejam impostas as informações, forma e função, mas que sejam aprendidas de forma crescente.

Realizado um trabalho assim, alunos construirão um sentimento crítico referente aos gêneros textuais, consistindo um ensino que trabalhe todo o contexto, linguagem, aspectos sociais e veiculação na sociedade, diferentemente de trabalhar apenas questões expostas no exemplar. É um ato trabalhoso, mas que ao ser finalizado, consegue deixar nos alunos uma bagagem maior, que certamente ao chegarem a sociedade, algumas questões antes vistas como desconhecidas, se tornarão habituais.

Ainda tratando desse ensino, acreditamos que ele é um suporte favorável para o trabalho com os quatro eixos de ensino. O eixo de leitura, por exemplo, que consiste também por uma ação, em que o aluno lê o que está escrito, levando toda a sua bagagem em conta acerca do tema lido, fazendo uma correlação. É um processo muito viável, porque será um aparato a mais para compreender toda a manifestação exercida pelo gênero textual.

Em se tratando da escrita, ela é resultado de todo um trabalho voltado para exercer uma produção final. Essa produção não termina na escola, poderíamos dizer que tal ação é o começo do fim. Não esquecendo o eixo de oralidade e análise linguística, que são trabalhados em todos os exemplares dos gêneros e disciplinas escolares.

Ao tratarmos em linhas gerais da maneira como esse ensino de gêneros textuais pode ser dar no ambiente de sala de aula e restringindo-se a LP, torna-se importante também trazer o ensino nas aulas de Matemática. Não são raras às vezes em que se ouvem muito frases do tipo “Matemática é difícil”; “Não vou conseguir aprender, só consigo decorar e pronto”. Falas como essas são interessantes, porque torna-se claro que os discentes não entendem que cotidianamente a Matemática está presente na vida real também.

Nas aulas dessa disciplina, muitas vezes são apresentadas fórmulas e mais fórmulas e isso não fica muito claro em que local da vida será utilizado, por esse motivo, os alunos não buscam tanta participação nas aulas e quando procuram participar, é justificado por o alcance

de provas de vestibulares e provas externas de um modo geral. Por esse motivo, acreditamos que é muito importante trazer também nas aulas de Matemática assuntos que também são da realidade dos alunos, ou seja, buscar associar situações reais dos discentes, com assuntos que envolvem a área de exatas. Torna-se assim uma metodologia muito semelhante com a que abordamos no trabalho com gêneros textuais, que também apresentam-se nessa área.

É real que as aulas de Matemática podem fazer com que seus alunos interajam cada vez mais. Trazendo um exemplar acerca da discussão, podemos citar os gráficos, que é algo muito usual na sociedade e que também é resultado de pesquisas propriamente na sociedade. Por esta razão, torna-se efetivo a afirmação de que pode-se trabalhar o real com assuntos de sala. Não pode, nem se deve desmembrar isso, porque como pontuamos sobre os gráficos, retomamos a fala, dizendo que todo o preparatório vivido em sala é um estágio a ser executado, realmente, na sociedade. Mesmo sabendo que ao quebrar essa tradição, a qual disciplina é espaço apenas para números, contas e fórmulas, seja complicado, é necessário dizer que isso é possível.

Concluindo, aprendemos que o trabalho com gêneros textuais parte da presença em todas as disciplinas e que pode existir a intertextualidade entre elas. Essa metodologia oportuniza aos alunos perceberem que os gêneros textuais existem e que também apresentam-se no processo de ensino/aprendizagem na área de Matemática.

Falando da importância dos gêneros textuais, assim como do processo de ensino nas aulas de Matemática, na sessão seguinte buscaremos trabalhar o gênero textual gráfico, que é um exemplar muito vivo também na disciplina citada anteriormente.

1.4 – Gráficos como gênero

Diante da infinidade de gêneros textuais que temos em nossa sociedade, sabemos que cada um dos gêneros textuais possui uma importância e significado muito grande para os usuários da comunidade. Eles em sua forma própria e ação comunicativa possibilitam transformações e reflexões acerca de tudo que está em volta de quem o usa e não o usa, respectivamente.

Ao mencionar essa questão de importância, que está para todos os exemplares existentes dos gêneros textuais, vemos a necessidade de colocar em destaque os gráficos, que em sua veiculação na comunidade basicamente é usado em assuntos voltados para o campo matemático e mais restritamente dentro das escolas e em outros campos, sendo vistos como, na maioria das vezes complemento do texto, que está a ser trabalhado.

Partindo dessa concepção, em que os gráficos muitas vezes são exemplares voltados apenas para a escola e ainda mais como recurso de ensino, trazemos as discussões de Duarte (2008), que diz:

(...) Mas em uma apresentação do projeto de pesquisa em um congresso, a questão foi levantada: “se o gráfico exerce uma função, seja de exemplificar, demonstrar ou reiterar parte da notícia, seria ele ainda um gênero textual, não um tipo de texto, parte da notícia?” Trata-se de um gênero textual, de fato, pois gêneros textuais podem se apresentar em interação num suporte, referindo ao mesmo ser ou objeto no mundo. (DUARTE, 2008, p. 19).

Diante do que a autora pontua, conseguimos perceber que os gráficos têm forma e função, características comuns aos gêneros textuais, portanto, não há como caracterizá-los diferente. Notamos que os gráficos são constituídos por várias semioses,¹ podendo perceber que nesse aspecto em questão ele é rico, permitindo que o usuário tenha a possibilidade de trabalhar o seu entendimento a partir de vários pontos.

A partir dessa visão, podemos dizer que o leitor poderá analisar a questão de cores e quais relações têm com os resultados obtidos; qual o significado, por exemplo, das linhas que compõe o gráfico de linhas. Além disso, poderá entender como foi possível tais divisões acerca do gráfico de pizza; como foi feito as barras em resultados tidos com números não-inteiros nos gráficos de barras, o porquê de tais imagens, acrescentadas ao exemplar, o que resultou tais questões. Com certeza, a partir dessa análise, poderá ser construído um entendimento referente às essas informações e a relação das mesmas para com a somatória do que está aos olhos do leitor. Assim, fica muito evidente que não se trata apenas de analisar o que está exposto visivelmente, mas existe uma análise e reflexão para esse entendimento.

Mas, antes de nos determos precisamente ao gênero, gostaríamos de trazer informações acerca de seu surgimento enquanto gênero textual e a possível época em que os estudos do mesmo surgiram.

Sobre isso, trazemos para a discussão Monteiro (1999 *apud* Duarte, 2008, p 20), que em seus estudos, informa-nos que os gráficos “surgiram a partir do sistema de René Descartes, em 1637” servindo assim como um instrumento que possibilitava a demonstração dos fenômenos empíricos que são estudados por cientistas. Após essa data, o autor também conseguiu constatar que o surgimento dos gráficos de barras, precisamente “foram representados pela primeira vez em 1786, por William Playfair”.

¹ Semioses: cores, linhas, formas geométricas (barras, triângulos), dados numéricos, que quando juntos, formam o gênero textual gráfico e auxiliam no processo de interpretação e ensino.

A partir dessas afirmações, concluímos que os gráficos são gêneros textuais, com uma bagagem histórica, bem fundamentada, e que mesmo a tradição fosse voltada altamente por assuntos matemáticos, justamente pelo fato de que os primórdios os usarem para isso, fica evidente que eles são importantes para todas as áreas de conhecimento científico e social.

Ainda falando das questões sobre a história do gênero textual gráfico, Monteiro (1999 *apud* Duarte, 2008, p. 13), em suas palavras, acredita que basicamente os estudos voltados para o gênero “(...) tiveram um impulso maior a partir de 1970”. Com essa afirmação, notamos que, infelizmente, ainda há uma precariedade para o estudo desse gênero, tendo em vista que da década de 70 para os dias atuais, são menos de 50 anos, o que é relativamente pouco, se formos refletir a data de surgimento dos gráficos.

Apresentada a sua questão histórica, percebemos a precariedade para um olhar mais aprofundado, pois o gênero textual em questão perpassa questões numéricas e atinge todos os espaços existentes na sociedade, assim como suas áreas e disciplinas curriculares.

Ao tratar da possibilidade de existência no espaço estudantil e social, trazemos para a discussão Sousa (2013) que afirma que a articulação existente entre as matérias vistas na escola é de profunda importância e associada à aparição e estudos dos gráficos, possibilitam assim, um conhecimento mais efetivo tanto de mundo, quanto de ciência realmente. Sousa (2013, p. 08) afirma que “(...) podemos inferir que a eficácia na compreensão textual é possível, sobretudo, pela articulação entre conhecimentos, que tem como fundamentação a interdisciplinaridade”.

A partir disso, consegue-se entender que a interpretação não está voltada apenas para o exemplar, e a Matemática, respectivamente, mas sim, com tudo que é de conhecimento do aluno, somado ao gênero textual e a disciplina citada.

Diante dessas afirmações, consegue-se justificar que os gráficos não são apenas materialização e representação estatística de algo, tendo em vista que eles em sua representação têm um poder muito grande, tratando-se de forma e substância. Em sua criação, análise e leitura, há um processo articulado, que perpassa essa representação estatística, propriamente.

O gráfico, como outros gêneros textuais, consegue exercer um trabalho efetivo no leitor, ao passo que os alunos e até mesmo leitores que tem a vinculação fora das escolas, percebem que o processo de entendimento dele é decorrente antes de uma leitura efetivada, no momento dela e após.

A partir dessa afirmação, que há um processo de leitura completo, justificado pelos termos antes, durante e depois, concluímos que o eixo (leitura) é muito importante para a

veiculação de todo e qualquer gênero. Até mesmo porque o processo de leitura possibilita um aprimoramento de saberes.

Sobre leitura, acreditamos que nos gráficos ela é responsável para que o mesmo também proporcione mais informações, que ative mecanismos referentes ao conhecimento a ser obtido, que associe o que já tem de bagagem, como também em ações, que serão provenientes dos gráficos e exercidas na sociedade, posteriormente. Acerca dessas afirmações trazemos Soares (2000 *apud* Sousa 2013, p.10), que diz:

[...] não é esse ato solitário; é interação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo. Seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros, o autor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e os outros. (SOARES 2000, P. 18 *apud* SOUSA 2013).

Com essas informações, constatamos assim, que o mecanismo de ler, é um ato global. Esse ato envolve todo o ser, enquanto atuante na sociedade, e em se tratando de um momento decorrente no espaço estudantil, vemos que um ato bem feito pode com certeza causar um ensino de qualidade, tendo em vista que os conhecimentos tidos e a serem alcançados, proporcionarão uma aprendizagem melhor.

Restringindo o processo de leitura para os gráficos, trazemos Sousa (2013), que diz o seguinte:

Ler gráficos é tarefa importante do dia-a-dia do sujeito letrado, haja vista a enorme carga de informações visuais e quantitativas que circula com frequência na mídia, muitas vezes enfatizando, resumindo ou até substituindo o que seria expresso em conteúdo verbal. (SOUSA, 2013, p.14).

A partir dessas palavras, há a afirmação que ato de ler o gráfico é uma tarefa do dia-a-dia. Vendo essa atividade como algo habitual, é possível dizer que além do leitor ativar seus conhecimentos, há algo muito interessante nesse processo, que é justamente a criação de estratégias para o momento (uma previsão da leitura, se assim podermos dizer), ativando todo conhecimento acerca de cada parte constituinte do gráfico.

Com isso, percebemos que não se trata apenas de um ato mecânico, mas que é também um processo muito complexo e completo, que ao final apresenta conhecimento. Ao falarmos disso, é necessário dizer, que dentro da escola, o trabalho com ele pode ser bastante efetivo, que inicialmente levará o professor a analisar junto aos discentes o exemplar, e posteriormente compartilhar tudo o que conseguiram de informações após a análise. A partir

disso, pontuar ligações com os saberes já existentes, facilitando o processo de produção textual de forma mais segura.

Diante de toda essa pedagogia construtora, possivelmente o docente conseguirá abarcar outros temas alienados ao que está em questão e envolver cada vez mais os alunos, em atos promissores, como diz Sousa (2013, p. 07) que se caracterizam como o ato de: “(re)pensar, ao (re)avaliar dos resultados em consonância com as demais áreas e vivências (extra)acadêmicas do sujeito”.

Ao falarmos desses atos, deixamos claro que esses atos são condizentes não apenas ao espaço estudantil, mas a sociedade que o ser vive, pois defendemos aqui, que enquanto gênero textual, o gráfico também é um arcabouço interessantíssimo para a vivência em sociedade. Como vimos, ele trabalha muitas questões, além do que está exposto, relativizando os saber científico e social.

Sendo assim, compreendemos que o gênero textual gráfico é extremamente importante para a veiculação de informações na sociedade, e em todos os espaços comunicativos. Seja na escola, em todas as matérias ofertadas por ela, seja na vida em sociedade, a utilização dos gráficos é valiosa, pois como vimos, o seu estudo não é um ato mecânico, mas sim um processo que envolve tudo o que é de saber do leitor e/ou aluno.

No próximo capítulo, iremos trazer as análises realizadas, a partir dos critérios estabelecidos, onde verificaremos a maneira como os gráficos são introduzidos nos livros didáticos, assim como a forma como são trabalhados no suporte já citado. Além disso, mostraremos a forma como foi realizado o trabalho como um todo, ou seja, a sua metodologia realizada para enfim concluirmos e obtermos os nossos resultados.

CAPÍTULO II

2. GÊNERO TEXTUAL GRÁFICO: CONHECIMENTO ACERCA DA METODOLOGIA E RESULTADOS OBTIDOS POR MEIO DA ANÁLISE

O presente capítulo irá tratar dos processos metodológicos, das análises e dos resultados obtidos, mediante a pesquisa em questão. Para um melhor entendimento, iremos inicialmente apresentar o passo a passo realizado com a pesquisa, informando desde o que foi realizado, assim como a possível justificativa acerca de tal tema, buscando mostrar a maneira como coletamos os dados, como os analisamos e possíveis considerações acerca de tal conduta.

No mesmo capítulo, iremos apresentar também a nossa análise. Para uma clareza maior, com relação ao que queremos saber: a maneira como os gráficos são apresentados nos LD de Matemática, buscando partir de três critérios, que serão suportes para os nossos resultados, realizando uma análise acerca dos dados obtidos e também exposição de tabelas, que facilitarão a compreensão do nosso leitor. Ainda no mesmo capítulo, traremos as nossas considerações com relação aos resultados conseguidos por meio da coleta de dados e as análises.

2.1. Aspectos metodológicos

O *corpus* utilizado para essa pesquisa é a coletânea de livros didáticos de Matemática, intitulado Projeto Araribá Matemática, que foi conhecido a partir de experiências obtidas na realização dos Estágios Supervisionados Obrigatórios (ESO), realizados na cidade de Carnaúba - PE. A coletânea em questão foi distribuída por o PNLD, para o uso dos anos de 2017 a 2019, respectivamente.

Para nos aprofundarmos em nossa pesquisa, convém ressaltar também o porquê chegar à coletânea já citada. Tendo em vista o trabalho realizado no estágio e o interesse por os gêneros, gostaríamos de pesquisar o trabalho com o gênero textual gráfico nas escolas e se a sua área era restrita à área de Matemática. Assim, recolhemos a coletânea Português Linguagens (William Cereja e Thereza Cochar), adotada pela escola de realização do ESO e diante da nossa primeira análise em busca do gênero, concluímos que a coletânea não apresentava um trabalho sistemático com gênero gráfico, trazendo apenas um único exemplar em relação a toda a coletânea. A partir disso, recolhemos a coletânea de Matemática, para assim entender de que forma o gráfico era trabalhado: como suporte de ensino, conteúdo

propriamente e/ou veículo de comunicação. Depois dessas etapas, iniciamos outra etapa do trabalho metodológico.

A segunda parte da análise consistiu em verificar como os gráficos se apresentavam, fazendo assim uma reflexão acerca disso, delimitando todas as páginas que os mesmos se apresentavam. É válido ressaltar, que no ato de pesquisa da coletânea, nos dirigimos ao PNLD, para nos informarmos de que maneira os livros eram vistos e demais questões voltadas para a coletânea. Após, procuramos estabelecer os critérios que dariam um norte para a nossa pesquisa. Para a realização disso, analisamos quais possíveis competências os livros apresentavam, formulando assim um esquema, para depois enquadrar os exemplos. Ainda fizemos uma tabela, estabelecendo o panorama total, acerca da representação dos gráficos.

Em seguida, já estabelecidos os critérios (que resultavam no esquema), e que serão apresentados de maneira delimitada no tópico a seguir, começamos a encaixar as páginas de cada livro, para cada critério, ou seja, montamos três tabelas, as quais eram formuladas por quatro colunas, que representavam os anos (6º, 7º, 8º e 9º) e nelas estavam todas as páginas que faziam referência a cada critério exposto.

Após o trabalho com o enquadramento dos gráficos, iniciamos a nossa análise de fato. Antes de adentrarmos nessa questão, convém ressaltar que a mesma consistiu em uma pesquisa qualitativa. Afirmamos isso segundo as confirmações de Bauer e Gaskell (2002, não p.), que dizem: “Em contraste, a pesquisa qualitativa evita números, lida com interpretação das realidades sociais”. O nosso foco não era saber a quantidade de gráficos na coletânea, embora isso seja importante, mas o nosso alvo era ver a maneira como o gráfico se apresentava, por isso que a pesquisa não se encaixa em um padrão quantitativo.

Para um entendimento mais claro do que realizamos até chegar às conclusões dessa pesquisa, apresentamos a nossa metodologia da seguinte forma:

1. Análise da coletânea de LD de Português, procurando os exemplares de gráficos, porém sem muito sucesso em tal busca;
2. Análise da coletânea de LD de Matemática, procurando os exemplares de gráficos, e tendo os exemplos do gênero em questão, iniciou-se uma reflexão acerca deles, procurando entender de que forma se apresentavam;
3. Análise no PNLD acerca das considerações existentes para ambas as coletâneas;
4. Criação de tabela, analisando a representatividade total dos gráficos;
5. Formação de critérios, como norte para pesquisa, que foi concluída a partir da reflexão realizada no tópico anterior e formação de tabelas;

6. Análise de critérios, partindo do livro do 6º ano, 8º e 9º com os 1º, 2º e 3º critério respectivamente;
7. Considerações finais, a partir das análises realizadas.

Mediante a nossa explanação, acerca das ações utilizadas para o resultado da pesquisa, concluímos o presente tópico delimitando que posteriormente serão retratadas de maneira descritiva nossas análises, junto de embasamentos teóricos, os quais já foram apresentados no início do trabalho.

A nossa análise levará em conta os fatores que estão ligados à utilização do gênero textual gráfico. Tais fatores serão reconhecidos por critérios. Tendo em vista que nosso *corpus* será o livro, levaremos sempre em consideração ele e o seu modo de ensino, para que assim possamos chegar ao nosso objetivo: qual a função do gênero nos livros de Matemática, propriamente.

2.2 Processos analíticos

Apresentada a metodologia utilizada nesse trabalho, iniciamos esse tópico, informando sobre as análises que foram realizadas com os livros da coletânea Projeto Araribá Matemática. A nossa pesquisa, como já dita, se enquadra em uma análise feita a partir de três critérios, que consiste em ver: a forma como são introduzidos o gênero textual gráfico nos livros, averiguar se eles consistem em suporte nas atividades interpretativas e, por fim, a forma como são construídos os gráficos nas atividades dos livros didáticos.

A análise que realizamos é feita a partir de um delineamento de estudo de caso, onde o nosso *corpus* é propriamente os livros da coleção, como já informado. Posteriormente, iremos trazer casos específicos, ou seja, exemplares dos próprios livros didáticos e junto a eles a análise que realizamos, que se remete, de fato, ao conteúdo exposto, seguido do objetivo o qual a sessão deseja mostrar.

Esse tópico será dividido em quatro sessões, as quais irão retratar de maneira dividida cada análise. Em cada sessão serão apresentadas tabelas, demonstrando as páginas que se enquadraram em cada critério, tendo em vista que não há como exemplificar todas. Ainda serão mostradas imagens, que são justamente fotos dos livros, que serão suporte para análise, tendo em vista que a representação se encaixa em todos os exemplos, mediante o critério estabelecido e estudado no momento.

2.2.1 Panorama da pesquisa feita nos LD de Matemática

Após o exposto anteriormente, apresentamos agora a quantidade de gráficos presentes na coleção. É válido ressaltar que essa quantidade de exemplares não se trata de uma análise puramente, mas sim um maneira de deixar nosso leitor ciente da representatividade do gênero textual. Em toda a coleção, encontramos 61 aparecimento do gênero gráfico. Para representar melhor, trazemos abaixo a tabela, que é dividida em quatro colunas e em cada linha é apresentada a página a qual o gráfico foi representado, no entanto, nesta não levamos em conta critérios, mas sim um aspecto total.

Tabela 1: Quantidade de gráficos na coleção

| Apresentação total do gênero textual- gráfico | | | | |
|---|---------|---------|---------|---------|
| | 6º Ano | 7º Ano | 8º Ano | 9º Ano |
| | Pág. 47 | Pág.24 | Pág.30 | Pág.22 |
| | Pág.48 | Pág.25 | Pág.31 | Pág.23 |
| | Pág. 49 | Pág.34 | Pág.68 | Pág.99 |
| | Pág.103 | Pág.35 | Pág.69 | Pág.100 |
| | Pág.104 | Pág.36 | Pág.96 | Pág.113 |
| | Pág.105 | Pág.71 | Pág.186 | Pág.114 |
| | Pág.205 | Pág.100 | Pág.212 | Pág.135 |
| | Pág.236 | Pág.101 | Pág.250 | Pág.144 |
| | Pág.237 | Pág.115 | Pág.264 | Pág.146 |
| | Pág.238 | Pág.116 | Pág.265 | Pág.148 |
| | Pág.256 | Pág.118 | | Pág.149 |
| | Pág.257 | Pág.119 | | Pág.150 |
| | Pág.258 | Pág.157 | | Pág.152 |
| | Pág.293 | Pág.158 | | Pág.153 |
| | | Pág.201 | | Pág.156 |
| | | Pág.225 | | Pág.158 |
| | | Pág.226 | | Pág.162 |
| | | | | Pág.163 |
| | | | | Pág.164 |
| | | | | Pág.165 |
| Total | 14 | 17 | 10 | 20 |

(Tabela feita por a autora – resultando em 61 aparições).

Mediante a apresentação da tabela, conseguimos notar que o volume do 9º, apresenta maior incidência do gênero gráfico. *A priori*, parece haver uma progressão no trabalho com o

gráfico na coleção. Acreditamos, também, que haja uma relação do número de exemplares do gênero em relação ao conteúdo da disciplina. O 9º Ano também se configura como uma série em que são explorados mais trabalhos com conteúdos que prezam por uma configuração mais semiótica para seu trabalho em sala.

2.2.2. Critério 1 - Introdução de conteúdo da disciplina

De início, o trabalho com o critério em questão, se delimita ao livro do 6º Ano da Coletânea Projeto Araribá. As conclusões obtidas aqui, não podem ser vistas como algo que ocorra em todos os livros didáticos. Ao nos determos a essa questão, conseguimos dizer que mesmo tratando-se de um gênero textual, a sua presença dentro da área de exatas propriamente, está condicionada ao ensino de conteúdo, o qual durante e após a vida estudantil se apresenta enquanto figura propriamente disso, seguindo uma tradição.

Detendo-se à essa questão, trazemos Sousa (2013), que em seus estudos, referentes à pesquisa em LD com foco em gráficos, os delimita como “figurantes, sobretudo, na educação matemática, [...] geralmente são definidos como recursos representativos de dados estatísticos”. (SOUSA, 2013, p. 48). Partindo dessa concepção, conseguimos notar, que de fato, tratando-se dessa coleção, deu para notar que o estudo do gênero propriamente está condicionado a questões estatísticas.

Partimos desse informação, por conseguir notar que no início do capítulo, mesmo trazendo uma situação hipotética, percebemos que a sua apresentação é toda enquadrada nos parâmetros de apresentação de um conteúdo e não propriamente do gênero. Mesmo havendo uma apresentação de como entender o gráfico, ficou muito explícito que na realidade do livro didático em questão, o foco maior é permitir que o aluno entenda que os gráficos são conteúdos, que auxiliam no suporte de entendimento de questões que envolvam dados estatísticos. Nos livros da coleção, todos propriamente, ficou clara essa função de conteúdo.

Conseguimos notar uma representatividade grande da presença dos gráficos nesse critério. Por meio disso, concluímos uma tabela, que será apresentada a seguir. Como maneira de facilitar a compreensão dos nossos leitores acerca da questão pontuada: colunas, por ano escolar e a páginas que correspondem ao estudo e exemplificação do gênero, formentaram a tabela

Tabela 2: Levantamento de representação dos gráficos enquanto introdução de conteúdo

| Quantidade de gráficos, apresentados por cada Ano | | | | |
|---|----------|----------|----------|----------|
| Ano | 6º | 7º | 8º | 9º |
| | Pág. 47 | Pág. 24 | Pág. 30 | Pág. 22 |
| | Pág. 48 | Pág. 34 | Pág. 68 | Pág. 99 |
| | Pág. 103 | Pág. 35 | Pág. 249 | Pág. 100 |
| | Pág. 104 | Pág. 100 | Pág. 250 | Pág. 113 |
| | Pág. 205 | Pág. 115 | Pág. 264 | Pág. 135 |
| | Pág. 236 | Pág. 118 | | Pág. 146 |
| | Pág. 237 | Pág. 157 | | Pág. 151 |
| | Pág. 256 | Pág. 158 | | Pág. 163 |
| | | Pág. 225 | | |

(Tabela organizada por a autora – 30 aparições)

Percebam que há uma presença muito forte dos gráficos na coletânea, no entanto a sua representação nesse critério, se enquadra como conteúdo e não em um gênero que pode estar presente na Matemática, assim como em outras e que faz parte da sociedade. Notamos em nossa análise, algo interessante, que é a abertura dos capítulos nos livros. Em todas as apresentações, de todos os volumes, a abertura é intitulada da seguinte forma: “trabalhando com a informação”. Por meio desse título e a realidade a qual o livro está, entendemos que no capítulo o mesmo trata das informações que pertencem ao conteúdo, buscando deixar transparente que ele é envolvido por resultados estatísticos, os quais são formados a partir de uma situação, uma pesquisa, o resultado dessa pesquisa (o gráfico) e a partir disso vai transcorrendo o texto, apresentando tais informações.

Ao tratarmos de títulos, nos remetemos, de fato, aos que introduzem o que será abordado no presente conteúdo. Em todos os casos, a sua abertura se intitula do seguinte modo: “leitura e interpretação de gráficos de barras (horizontais e verticais)”; “Leitura e interpretação”; “Leitura dos dados”; “Construção dos gráficos”. Ao analisarmos todos eles e seus textos introdutórios, conseguimos notar que todos remetem-se de fato, de maneira clara, a forma como esses gráficos serão estudados e quais competências a serem atingidas para com eles.

Nesse caso em questão, já devemos fazer uma ressalva e também um paralelo, que é justamente a entrega do que será feito posteriormente. No ato da leitura de tais títulos, os discentes já sabem, mesmo que minimamente o que será tratado, equivalendo tal informação para com a apresentação das características estruturais (forma) , que envolve o entendimento. Mesmo sabendo que é bom eles entenderem quais competências o gênero textual gráfico

necessita, é ideal que isso seja um trabalho progressivo, e que a cada passo dado seja mais um aprendizado acerca do gênero também. Sobre os títulos, observemos o exemplar abaixo.

TRABALHANDO COM A INFORMAÇÃO

Leitura e interpretação de gráficos de barras (horizontais e verticais)

Fernando, um professor de Educação Física, fez uma pesquisa com o 6º ano C para identificar o esporte preferido dos alunos. Cada aluno só podia votar em um esporte. Depois de coletar os dados, Fernando registrou o resultado em um gráfico de barras verticais.

Dados obtidos pelo professor Fernando.

- ▶ Que esporte recebeu mais votos?
- ▶ Quantos alunos votaram nesse esporte?
- ▶ Quantos alunos foram entrevistados?

Leitura e interpretação

Cada barra apoiada na linha horizontal do gráfico acima representa um dos esportes escolhidos pelos alunos do 6º ano C: futebol, voleibol, basquetebol e natação.

Os números registrados na linha vertical servem para indicar o número de alunos que votaram em cada esporte.

Para saber quantos alunos votaram em cada esporte, basta associar cada barra (esporte) ao seu comprimento (número de alunos), indicado na linha vertical. Assim, comparando o comprimento das barras, percebemos que a barra referente ao futebol é a mais comprida. Então, o esporte que recebeu mais votos dos alunos do 6º ano C foi o futebol, com 12 votos.

Identificando o número de alunos que votaram em cada esporte e somando-os, descobrimos o número de alunos que foram entrevistados, pois cada um só poderia votar em um esporte.

Futebol: 12 alunos Basquetebol: 7 alunos
Voleibol: 6 alunos Natação: 3 alunos

$$12 + 6 + 7 + 3 = 28$$

Portanto, 28 alunos foram entrevistados.

Observação

Para facilitar a leitura dos gráficos de barras, os dados numéricos podem ser colocados acima das barras.

Dados obtidos pelo professor Fernando.

(Introdução dos gráficos em LD)

Observando seus títulos, os quais remetem-se as palavras *leitura e interpretação*, fica notório e evidente, que o alcance da essência dos gráficos é decorrente do exercício de uma leitura, que permite uma interpretação, que em grande maioria das vezes, está condicionada a uma situação em que ela é concluída a partir da figura de um gráfico. Sabendo também que o ensino com todo e qualquer tipo de gênero textual é também baseado nessa competência de ler e interpretar o que o mesmo está a demonstrar, fica mais coerente nomear o gráfico enquanto gênero textual. No entanto, torna-se necessário dizer, que a leitura propriamente dita desse exemplar, é algo muito mecânico e é necessário um grande cuidado.

Acerca desse competência de leitura, já fazemos uma ponte para com o trabalho dos gráficos. Como dito, é necessário a leitura, como maneira de entender, compreender e utilizar os gráficos, porém, nota-se que essa leitura ainda é focada muito no texto, ou seja, há um processo de ler, e talvez isso seja somente para com aquelas informações e não haja um alinhamento com os saberes conectados ao que estão aprendendo. Sobre isso, Sousa (2013, p. 49) diz:

Com efeito é proveitoso o desenvolvimento e a prática de estratégias que permitam ao leitor a compreensão do texto gráfico, de modo que o aluno seja instigado a uma meditação pós-interpretação, visto que o sujeito enquanto ser social precisa acima de tudo compreender os dados expostos, a fim de que consiga utilizar tais conhecimentos adquiridos em várias situações. Dessa maneira, sintetizamos a carência no que concerne à metodologia de ensino e aprendizagem dos gráficos no que diz respeito ao ato de ler e compreender o texto. (SOUSA, 2013. p. 49)

Partindo dessas conclusões, percebemos que a leitura na coletânea se enquadra em um perfil diferente do qual Sousa (2013) propõe ser coerente. Por este fator, notamos que há uma falha no processo de ensino, pois não é realizado e nem deixado explícito que em um gênero textual como o gráfico, informações extras acerca do exemplar são muito importantes e que acrescentam na aprendizagem. A metodologia que se utiliza de uma *entrega*, ou seja, informações muito claras, objetivas e sem muito esforço por parte dos discentes não é desafiador, facilitando as aulas, mas podendo dificultar a vida em sociedade, quando estes se depararem com o gênero.

Sobre isso, vemos que nos dias atuais, é muito comum os professores utilizarem-se da metodologia de apresentar o gênero de fato. No entanto, nessa coleção não há uma entrega do gênero e suas características explicitamente, o que há são textos que necessitam da leitura e interpretação, mas que são constituídos de uma objetividade muito grande. O diferencial consiste em os discentes lerem e entenderem o que é colocado nas informações, que estão aos seus olhares nos LD.

Para iniciar o “conteúdo” (colocamos aspas na palavra, para que fique claro, que tradicionalmente os gráficos são vistos como conteúdo, no entanto sabemos que ele se enquadra enquanto gênero) , há a utilização de uma situação, onde o autor traz, para que o aluno consiga começar a entender o que posteriormente será falado, há um enquadramento do que ocorre para a conclusão do gênero em questão.

Ao informarmos que o capítulo é iniciado a partir de uma situação, concluímos que isso é importante. Falamos assim por entender que a representatividade dos gêneros textuais, seja ele qual for, é baseada por uma necessidade e conseqüentemente por uma situação. Marcuschi (2003) nos diz, que para eles surgirem, é necessário um motivo, ou algo, que condicione o seu surgimento. No caso em questão, notamos que para ele ser introduzido, foi utilizada uma situação em que pudesse facilitar a compreensão do aluno e o que estava por vir. Nos livros, a autora foi muito coerente em utilizar-se de uma metodologia como essa, para efetivar a compreensão mais clara dos seus discentes.

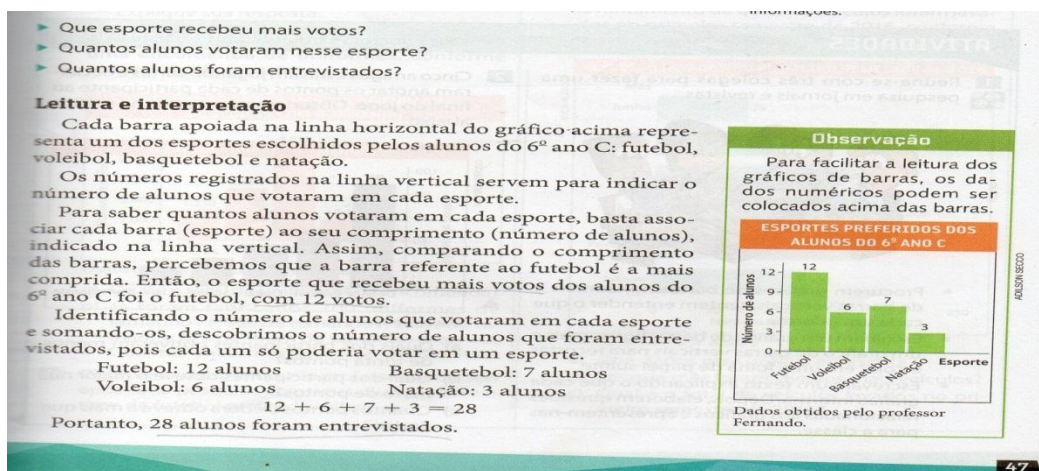
Sobre essa questão de situação Miller (2012, p. 23) conclui que “[...]gênero representa ação, ele tem que envolver situação, motivo, uma vez que a ação humana, seja simbólica ou não, só é interpretável num contexto e através da atribuição de motivos”. Pois bem, nesse caso em questão, notamos que foi coerente a maneira como a autora apresentou o gráfico. Foi abordada a situação, envolvendo os alunos do 6º Ano (hipoteticamente) para depois apresentar o gráfico, enquadrando o que a situação limitou nas características estruturais, que envolve o gênero. Um processo como esse é considerado coerente, pois é possível dizer que

há uma aprendizagem crescente, onde ele entende essa situação, depois percebe que ela se materializa nas características que envolvem o gênero, tornando claro que esse processo de ensino é linear e precisa dessas questões pontuadas para resultar em uma aprendizagem.

Além da abordagem iniciada por meio de uma situação hipotética, falamos anteriormente que a sua conclusão em relação as características é desenvolvida por meio de texto. Sobre a apresentação do “conteúdo”, ele desenvolvido por meio de resoluções de questões, que faz o aluno, de certa forma, associar a representação no início do capítulo, com as respostas transcorridas no texto

Na introdução do capítulo do livro, são realizadas perguntas, as quais as suas respostas são utilizadas como ponto estratégico para introduzir a forma e a função do gráfico, delimitando-se em um ato interpretativo realmente e uma leitura dele.

Em toda a coleção, a abertura da introdução explica o que o conteúdo deseja ensinar, partindo de perguntas, as quais são respondidas no transcórre do texto. No caso em questão, foram realizadas três perguntas: “Que esporte recebeu mais votos?”; “Quantos alunos votaram nesse esporte?”; “Quantos alunos foram entrevistados?” como mostra a imagem abaixo.



(Texto: perguntas e estrutura)

Percebam, que na imagem o texto se representa de maneira crescente, como já dito anteriormente. É iniciado a partir das barras, posteriormente com os números, em seguida a maneira propriamente de lidar com a leitura e interpretação sob os gráficos. Nesse caso, abrimos um parêntese, para lembrar a questão dos títulos, que no exemplar em questão, está delimitando a forma como se lê e como se interpreta o gênero.

Continuando, notamos que as perguntas começam a ter soluções, onde o autor apresenta as respostas, seguidas das próprias perguntas, ou seja, ao indagar quem recebeu mais votos, ele deixa claro, com o mesmo verbo (receber) que, “quem recebeu mais votos [...]”

foi o futebol”, e já responde que com uma quantidade de 12 votos. É considerável retratar que o ato de ler e interpretar existiu, no entanto, ele se deu de maneira voltada para o livro didático, apenas.

O que colocamos em foco é que a formação das perguntas e das respostas são muito óbvias, tendo um aspecto um pouco negativo, justamente pelo fato de que seria necessário uma compreensão maior, no entanto, é válido também dizer, que essa obviedade tenha sido utilizada com uma maneira mais compreensível e fácil do aluno entender o que estava querendo ser repassado naquele momento, mas uma prática cotidiana como essa não é muito adequada para a vivência dos discentes na escola e na sociedade de maneira total. No entanto, tratando-se da coerência em partir de uma situação, como Miller (2012) propõem, caracterizamos que a coleção obteve coerência nesse aspecto.

Infelizmente, a apresentação das características estruturais do gênero é comum, deixando claro que ele é representado no LD como um conteúdo, o que dificultará muito no futuro os seus usuários. Falamos isso, justamente pelo fato de que a aprendizagem deve ser algo bastante sólida, para que quando os alunos estiverem em sociedade, saibam utilizar e compreender os gráficos, não se tornando apenas um estudo baseado nos dados e interpretações prontas, se assim podemos dizer, mas que esses dados e interpretações (que devem existir por a questão de que a sociedade pede), não ocorra por uma interpretação objetiva, mas sim construída.

Ainda acerca do ensino para com os gêneros textuais, Marcuschi (2003) confirma muito do que já colocamos em nossa análise. Segundo ele, o ensino na sala de aula pode:

[...] tratar dos gêneros na perspectiva aqui analisada e levar os alunos a produzirem ou analisarem eventos linguísticos os mais diversos, tanto escritos como orais, e identificarem as características de gênero de cada um. É um exercício que, além de instrutivo, também permite praticar a produção textual. (MARCUSCHI, 2002, p. 35).

Mediante isso, conseguimos notar que no livro essa versão analítica, percebendo a funcionalidade do gráfico, e entendendo a sua importância e a sua forma de produção é quase inexistente. Notando assim, que há a demonstração do conteúdo (gráfico), diante da imagem propriamente e do texto informativo, baseado na situação para explicar, mas um ensino baseado no reconhecimento e trabalho de produção, para construir e utilizar na sociedade mesmo, não existe.

Essa metodologia é um grande problema, porque de certa forma eles poderão não saber como utilizar o gênero em sociedade. Podendo não existira noção de que ele (gráfico) é tão importante, quanto qualquer outro gênero, que seja mais ativo na comunidade. Se não

houver um ensino bastante sólido, com certeza as lacunas existirão, e nesse caso em questão, vemos que isso pode ocorrer, por ter sido falho o trabalho realizado, não levando o aluno a pensar, refletir e construir um aprendizado, que o faça compreender e buscar mais informações em outras situações. Que ele entenda de fato, que no ensino, o livro é um recurso a mais, e que não se limita nele. Acerca disso Hicks (1997) *apud* Reinaldo e Bezerra (2012, p. 78), diz:

[...] o ensino explícito do gênero possibilita o conhecimento de suas funções, de seus usos e de seu poder sociopolítico e o próprio uso aos estudantes que não tem acesso à diversidade de gêneros que circulam na sociedade, justamente por não participarem de grupos sociais hegemônicos. (HICKS, 1997, *apud* REINALDO E BEZERRA, 2012, p. 78).

Sobre isso, fica claro a necessidade de fazer com que os discentes tornem-se usuários de gêneros textuais, conscientes de suas funções dentro da sociedade, nas interações em um espaço comunicativo. Atitudes contrárias só prejudicam ainda mais a vivência comunicativa dos discentes/falantes.

Deixando clara essa questão introdutória, delimitando a forma e a função do gênero dentro de um conteúdo, especificamente, torna-se válido ressaltar que a presença dos gráficos na abertura e encerramento da introdução no capítulo é explícito. Acreditamos que a sua utilização seja justificado como maneira de fazer com que o aluno se acostume e entenda o que está a ser ensinado (começo) e uma possível análise individual (final). Nota-se que ele é necessário, para que assim, de alguma maneira o conhecimento dos alunos seja ativado, já realizando uma co/relação com o que está sendo exposto.

Ao partir para a exposição dele no final, vimos que ela foi utilizada também como informação de maneira diferente, que o gráfico pode ser apresentado. De toda forma, notamos que a figura do gráfico foi representada mesmo enquanto conteúdo, expondo os exemplares, para que os alunos os conheçam e no transcorrer do estudo não fiquem sem saber como compreendê-los, porém a sua figura enquanto um fenômeno para a comunicação não foi deixado clara, nem tão pouco trabalhado na vertente essencial, que move o gênero.

Partindo dessa afirmação, notamos também, que o exemplar de gráfico trazido no boxe com a seguinte legenda: “Os meios de comunicação também usam gráficos para transmitir informação”, fica claro que essa informação é tratada como mais uma informação e não como ponto central para a origem do gênero textual. Por meio da legenda, escrita em um tamanho menor do que as demais informações, conseguimos notar, que as escolas não partem do princípio do gráfico como um veículo importante para a comunicação, mas sim como uma figura que é compreendida enquanto conteúdo. Vejamos a representação do gráfico abaixo.



(Boxe: gráfico, meio de comunicação)

Sobre essa representatividade, concluímos mais uma vez, que a função dos gráficos representados nos LD enquadram-se no perfil de conteúdo, como componente essencial da disciplina e não da sociedade como um todo. É notório que a construção acerca desse exemplar é consistida no cumprimento de informações, não deixando os usuários e/ou leitores dos LD sem saber que a sua representação é também desenvolvida na sociedade. A partir dessa realidade, o que queremos dizer, é que na verdade, esse boxe também deveria fazer parte do estudo, porque assim, possivelmente o conhecimento prévio deles seria ativado.

A todo momento é ensinado a sua forma, e a sua função, dentro dos parâmetros de dados estatísticos e não como deve ser de fato. Se por ventura há a necessidade de colocar ele como foco de estudo, como já vêm sendo estudado, sentimos a defasagem de colocar esse ponto primordial. Sobre isso, Miller (1984, p. 165) *apud* Miller (2012, p. 44) diz:

o que aprendemos quando aprendemos um gênero não é apenas um padrão de formas ou um método para realizar nossos propósitos. Aprendemos, e isto é o mais importante, quais propósitos podemos ter [...]; para o estudante, os gêneros servem de chave para entender como participar das ações de uma comunidade. (MILLER, 1984, p. 165 *apud* MILLER, 2012, P. 44)

Nessa questão propriamente, não conseguimos perceber essa visão de que os alunos compreendam que os gráficos são suportes para entender as ações desenvolvidas na sociedade, concluindo assim, que nesse critério, de fato, os livros utilizam-se do estudo do gênero enquanto conteúdo, o apresentam dessa forma, desvinculando a informação de que ele se materializa na sociedade e que a sua função (social) é importante e deve ser compreendida desde os estudos em sala de aula.

Conseguimos assim finalizar, informando que na composição do livro didático da coletânea a que nos remetemos, percebemos que uma das funções do gênero textual gráfico é apresentar-se enquanto um conteúdo de bases estatísticas, ou seja, a função dele nesse caso,

não é remeter a consciência sobre o que esse gênero é e desempenha, mas sim, como ele pode ser trabalhado mediante assuntos de cunho estatísticos na disciplina de Matemática.

2.2.3. Critério 2 – Gráfico em exercícios no livro didático de Matemática

Diante disso, tentamos reconhecer esse critério, a partir da averiguação de toda a coleção dos livros, que resultou em um fato bastante interessante: o aparecimento de atividades com gráficos é um processo crescente no livro, obtendo uma linearidade apenas entre 6º e 8º Ano respectivamente. O foco dessa análise será para o livro do 8º Ano. Sendo assim, observemos a tabela a seguir.

Tabela 3: Levantamento dos gráficos presentes em atividades

| Quantidade de gráficos, apresentados por Ano. | | | | |
|---|----------|----------|----------|----------|
| Ano | 6º | 7º | 8º | 9º |
| | Pág. 47 | Pág. 25 | Pág. 31 | Pág. 23 |
| | Pág. 48 | Pág. 71 | Pág. 69 | Pág. 114 |
| | Pág. 238 | Pág. 101 | Pág. 96 | Pág. 144 |
| | Pág. 257 | Pág. 116 | Pág. 186 | Pág. 148 |
| | Pág. 258 | Pág. 119 | Pág. 250 | Pág. 150 |
| | Pág. 293 | Pág. 201 | Pág. 265 | Pág. 152 |
| | | Pág. 226 | | Pág. 153 |
| | | | | Pág. 156 |
| | | | | Pág. 158 |
| | | | | Pág. 162 |
| | | | | Pág. 163 |
| | | | | Pág. 164 |
| | | | | Pág. 165 |

(Tabela feita por a autora – 32 aparições).

A partir da tabela, conseguimos entender, que a sua maior aparição é no 9º Ano. Diante dessa afirmação, conseguimos supor que esse grau de linearidade e crescimento seja devido à hipótese de que os alunos nessa fase estão mais maduros para possíveis entendimentos e até mesmo porque no ano posterior (Ensino Médio), existe uma cobrança grande acerca dos gráficos, por virtude de vários outros conteúdos, como também exames

nacionais, tornando-se assim um processo preparatório para eles (alunos do Ensino Fundamental II).

Mediante o nosso foco, conseguimos constatar que tanto nele, quanto em toda coleção, a função dos gráficos é praticamente a mesma, seguindo um padrão extremamente igual para todos, onde o gráfico aparece, no entanto a sua função propriamente nas atividades não são correspondentes com a função que acreditaríamos que pudesse ter.

A partir das análises, conseguimos constatar que o trabalho com eles resulta em questões extremamente objetivas, ou seja, são perguntas que não perpassam o exemplar em questão, proporcionando assim um trabalho um tanto quanto mecânico. Notamos também que por esse fator a leitura existente é também muito focada no exemplar. Os alunos leem, mas não como uma leitura aprofundada. Em Kock (2006) há orientações de que leitura deve envolver os saberes intrínsecos dos alunos. É um processo que os discentes olham o exemplar, compreendem e respondem o que é pedido, mediante o que é ofertado no gráfico, apenas. Não há também uma produção textual efetiva (neste caso), mas sim o uso da escrita como foco de resolução objetiva.

A partir disso, conseguimos notar claramente tais questões envolvidas no livro didático e o trazemos para nossa discussão. Em geral, como já dito, notamos que todos os modelos de perguntas seguem o mesmo padrão e/ou modificam alguma coisa, mas seguem a mesma essência. A nossa análise, se restringirá a uma página, que é composta por três questões e nela é possível entender o que estamos dizendo.

Na questão 1 do livro, composta por cinco alternativas a serem respondidas, notamos que o próprio enunciado é seco: “Leia os dados do gráfico e responda às questões no caderno”. A partir disso, percebemos que um ato reflexivo referente ao gênero é inexistente, tornando-se assim o objetivo principal a resolução das perguntas. Na continuidade, as perguntas A e B, respectivamente, que demonstram basicamente o que é a atividade com o gênero gráfico: “A que assunto o gráfico se refere?”, “O gráfico apresenta dados referente a quantos anos?”. A partir dessas perguntas, concluímos que a dificuldade que os alunos terão é claramente mínima, pois no exemplar já vem intitulado “Quantidade de telefones de uso público no Brasil” e também os anos correspondentes a tal pesquisa.

A questão 2, apresenta um diferencial: antes do gráfico é trazido uma situação para que os alunos obtenham entendimento de que o gráfico foi resultado de uma pesquisa. Composta por quatro questões, a metodologia é quase a mesma da questão anterior. As perguntas A e C: “Podemos dizer que o número de alunos com cárie sempre decresceu?” e “Em qual ano havia 217 alunos com cárie nessa escola?”, respectivamente, demonstram que

também não há um trabalho exaustivo, e que faça o aluno averiguar tudo que tem de saber, porque já está praticamente pronto. A necessidade dele é saber fazer a correlação entre os dados, entender o que é crescente e decrescente, nada muito diferente disso.

A questão 3, também iniciada por uma situação, que é a posição da mulher no mercado de trabalho. Algo interessante a ser dito é que ela foi trazida do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), por este fato é uma questão de múltipla escolha. No entanto, é possível abrir um parêntese no que diz respeito ao fato de que a mesma metodologia utilizada no Ensino Fundamental perpetua-se no Médio, sendo algo necessário de ter um olhar aprofundado. Voltando para as questões, conseguimos notar, que basicamente a essência até chegar à opção correta (letra E), era analisar o gráfico puramente, entender o fato das linhas descenderem e subirem (decrescente e crescente) e fazer a correlação dos dados existentes.

Nessa questão, trazemos as opções D e E: “teve o valor mínimo em 1940, enquanto que a participação masculina teve o menor valor em 1950” e “apresentou-se crescente desde 1950 e, se mantida a tendência, alcançará, a curto prazo, a participação masculina”, como possível resposta para a pergunta, que desejava saber sobre a participação percentual do trabalho feminino. Vejamos os exemplares.

1 Leia os dados do gráfico e responda às questões no caderno.

QUANTIDADE DE TELEFONES DE USO PÚBLICO NO BRASIL

Dados obtidos em: <www.anatel.gov.br>. Acesso em: 10 jun. 2014.

a) A que assunto o gráfico se refere?
b) O gráfico apresenta dados referentes a quantos anos?
c) Quantos telefones públicos havia no Brasil em 2012?
d) De 2007 a 2013, a quantidade de telefones de uso público aumentou ou diminuiu?
e) Comparando o número de telefones em 2007 e em 2013, podemos dizer que aumentou ou diminuiu o número de telefones de uso público em quanto?

2 A escola Alegria de Viver implantou um programa de prevenção de cáries. Para analisar o resultado desse programa, a cada ano a escola faz uma contagem. Observe o resultado das contagens e responda às questões no caderno.

NÚMERO DE ALUNOS COM CÁRIE

Dados obtidos pela escola Alegria de Viver.

a) Podemos dizer que o número de alunos com cárie sempre decresceu?
b) No período apresentado, em qual ano houve mais alunos com cárie?
c) Em qual ano havia 217 alunos com cárie nessa escola?
d) O que aconteceu com o número de alunos com cárie de 2007 a 2013?

3 (Enem) Um dos aspectos utilizados para avaliar a posição ocupada pela mulher na sociedade é a sua participação no mercado de trabalho. O gráfico mostra a evolução da presença de homens e mulheres no mercado de trabalho entre os anos de 1940 e 2000.

Dados obtidos em: IBGE. Anuários estatísticos do Brasil.

Da leitura do gráfico, pode-se afirmar que a participação percentual do trabalho feminino no Brasil:

a) teve seu valor máximo em 1950, o que não ocorreu com a participação masculina.
b) apresentou, tanto quanto a masculina, menor crescimento nas três últimas décadas.
c) apresentou o mesmo crescimento que a participação masculina no período de 1960 a 1980.
d) teve valor mínimo em 1940, enquanto a participação masculina teve o menor valor em 1950.
e) apresentou-se crescente desde 1950 e, se mantida a tendência, alcançará, a curto prazo, a participação masculina.

(Interpretação objetiva do gênero)

A partir de nossa análise acerca das imagens, conseguimos perceber que todas, absolutamente todas as questões, em sua essência, buscam fazer com que o aluno se volte apenas para o exemplar, que a sua busca por respostas se dê nele, e não em outros saberes, por

exemplo. É algo extremamente mecânico, sem reflexão, onde a necessidade do ensino é compreendida pelo fato de que os alunos terão que ser ensinados sobre como entender as linhas no gráfico, a fazer uma ligação com os números (telefones, alunos e mulheres) e atribuir esses valores aos anos, que são os focos de cada gráfico. Sobre isso, Sousa (2013) diz:

Os questionamentos vêm requerendo como respostas somente aquilo que já está explícito, cabendo ao aluno apenas transportar para seu caderno as informações evidentes, sem que se tenha o prazer em realizar analogias, descobrir, questionar, ler. (SOUSA, 2013. p. 56).

Além dessa observação, notamos claramente, que não houve uma reflexão acerca da atividade, nem tão pouco do tema que deu origem ao gráfico. Notamos temas bastante interessantes e possíveis de discussão e de trabalhos futuros, como a questão da cárie, que poderia ser proposto um projeto na mesma vertente, na escola, colocando os alunos para fazerem tal pesquisa, a elaborarem um projeto de prevenção na escola; a questão dos telefones, também poderia ser resultado de uma pesquisa, onde eles também poderiam fazer um paralelo entre o percentual de telefones fixos e celulares; e sobre a mulher, esse seria muito interessante, podendo ser o gráfico o ponto inicial e a partir dele surgirem outras coisas referentes a tal temática.

Infelizmente, nessa coletânea, a partir de Paré e Smart *apud* Carvalho (2005), não condiz com a realidade. Pois, é sugerido por eles a reflexão a partir da estrutura própria do gênero, como também o que se conseguiu construir a partir dele e por fim quais decisões são condizentes a serem tomadas, a partir do trabalho realizado com o gênero. Por este motivo, notamos que nos parâmetros trazidos, não há uma ligação com a realidade desta coleção.

Ao falarmos tanto de realidade, notamos, como já dito, que as temáticas trazidas não envolveram uma discussão, nem tão pouco os gráficos puramente fizeram os alunos lembrarem-se de algum exemplo na sociedade semelhante à figura deles. Concluindo assim, que a leitura que tanto abordamos no início, realmente não foi efetivada, porque a sua presença só existiu no fator de ler as perguntas para depois respondê-las. A atividade de leitura antes, durante e depois, não existiu de maneira alguma, e por este motivo não teve como levantar os saberes sociais tidos por os alunos, fazendo o levantamento referente a tudo que pertence à sociedade e que pudesse ser colocado durante a aula. Enfim, o gênero textual gráfico não se vinculou a práticas sociais.

Acerca disso, Sousa (2013), sempre fala da necessidade de atribuir o que é de conhecimento do aluno na aula e tratando-se de gráfico, buscando fazer com que eles envolvam temáticas que se referenciem ao que o exemplar traz, assim como eles também trazerem à discussão outras figuras que se relacionem com o gênero textual gráfico, porque

dessa forma a fixação de aprendizagem será muito mais efetiva e eficaz, demonstrando a eles de maneira clara que os gráficos pertencem a realidade de cada um.

Mediante essa necessidade de trabalhar com o que eles têm de saber, acreditamos que fosse importante trazer isso justamente pelo fato que quando conhecidos os gêneros textuais e trabalhados de maneira eficaz, essa aprendizagem se perpetuará em atividades comunicativas que estejam ligadas a interação e ao profissionalismo também. Os livros didáticos que analisamos tem distribuição recente, mas é necessário que, haja uma prática social em sua composição, coisa que não aconteceu nos exemplares fornecidos.

A prática é muito importante. O fato de eles conhecerem o gráfico é extremamente necessário, mas em contrapartida, esse saber não pode ficar incumbido, ele tem que ser utilizado de alguma maneira. E não apenas o gênero, mas o uso da Língua também. É possível dizer que muitos acreditam que o trabalho com a Língua só é gerenciado pelo estudo da mesma, e na verdade não é só isso, mas o seu uso também é forma de aprendizagem, no entanto, com relação ao que obtivemos de dados, esse trabalho não existiu, nem da vinculação do gênero e sua reflexão, nem tão pouca a Língua no sentido de vê-la enquanto objeto de funcionalidade. Sobre isso Miller (2011) também conclui que:

[...] fazer do gênero o fundamento para o ensino de língua materna, quer na escrita, na fala ou em outros modos, e esses conceitos são engajamento e motivação. Os gêneros devem proporcionar meios para que os estudantes se engajem em tarefas comunicativas e, ao mesmo tempo e pelo mesmo motivo, deveriam propor meios para a motivação dos alunos como falantes, escritores. (MILLER, 2011, p. 41).

Diante do que a autora pontua, conseguimos perceber em nossa análise, que o foco propriamente não era o gênero textual, percebemos que ele estava presente enquanto suporte, a sua presença era dada por uma imagem (com o exemplar) e a sua visibilidade ocorria no ato de busca das respostas e isso é um grande problema, porque na vida os discentes não terão essas respostas prontas, nem tão poucas as perguntas.

Como dito, todo e qualquer gênero se resulta a partir de sua veiculação, a sua interação entre ser e a sociedade e tudo isso também é decorrente da maneira de propagar a Língua, ou seja, é por meio dela que todos os gêneros se manifestam, no entanto, com as representações que tivemos, deixou a entender que as perguntas e as respostas óbvias permitem trabalhar a Língua, como se a sua movimentação fosse gerada por questões e resultados instantâneos.

Sobre a importância de levar em conta o trabalho com a Língua, referenciando-a como centro do ensino e da vivência em sociedade, Bazerman (2011) diz:

[...] Eu penso que o ensino de língua consiste em ajudar o aluno a se tornar um tipo de usuário mais habilidoso, flexível e versátil da língua escrita e falada; trata-se portanto, do desenvolvimento linguístico do aluno através da interação em diversos

contextos com tarefas que representam variados desafios. Portanto, ensinar língua é ensinar uma arte às pessoas. (BAZERMAN, 2011, p. 41)

Sendo assim, conseguimos entender, que os parâmetros apresentados por os autores também não fizeram referência com o exemplar em que nos determos. Portanto, torna-se claro concluir, que as atividades propostas pela coletânea analisada busca trabalhar o gênero textual gráfico apenas como um suporte para o ensino, sem levar muito em conta o trabalho com a Língua Materna e também é possível de relatar, que as atividades propostas buscam a resolução rápida de suas questões, atribuindo esforços mínimos para tais tarefas.

2.2.4. Critério 3 – Construção dos gráficos: atividade de aula ou de vida?

Partindo para um ponto crucial referente ao ensino de um gênero textual: a produção do mesmo, a construção como produto final e resultado de um entendimento obtido por meio do ensino, conseguimos considerar que se trata de algo extremamente necessário para o ensino.

Ao atribuímos essa importância, nos voltamos para os gráficos propriamente. A construção desse gênero como já dito não é simplesmente um resultado estatístico, mas sim o resultado de uma pesquisa acerca de determinado assunto, que demanda a sua representação por tal gênero, no entanto, essa metodologia não se encaixa nos parâmetros evidentes na coletânea.

Diante de nossa primeira conclusão acerca desse 3º critério, buscamos agora falar da representatividade no quesito: construção de gráficos nas coletâneas, que relativamente foram poucas, fazendo uma analogia aos outros critérios já falados. Notamos que em todos os livros há o pedido de construção de gráficos, porém não em grande porte, tendo em vista, por exemplo, a presença de exemplares dos gráficos e também da função social propriamente do mesmo. Sobre isso, apresentamos a tabela.

Tabela 4: Levantamento dos gráficos a serem construídos em atividades

| Quantidade de gráficos apresentadas por ano. | | | | |
|--|----------|----------|----------|----------|
| Ano | 6º | 7º | 8º | 9º |
| | Pág. 48 | Pág. 35 | Pág. 69 | Pág. 100 |
| | Pág. 49 | Pág. 36 | Pág. 212 | Pág. 114 |
| | Pág. 104 | Pág. 116 | | Pág. 148 |

| | | | | |
|--|----------|----------|--|----------|
| | Pág. 105 | Pág. 158 | | Pág. 149 |
| | | | | Pág. 152 |
| | | | | Pág. 156 |

(Tabela feita por a autora – 16 aparições)

Vista a tabela, conseguimos concluir que algo tão rico e necessário para o ensino não é muito trabalhado. O ato de produzir o gênero textual é essencial no ensino e comparando com outros gêneros existentes em outras matérias, fica claro, que esse em especial é extremamente inutilizado (na coletânea, não podemos atribuir isso a todo ensino). Como já falado da importância do livro didático, sendo ele um grande aparato para o ensino, vemos que nesse critério, a coletânea não correspondeu às expectativas propriamente completas dos LD.

Os livros que mais trabalharam com a construção de gráficos foi o 6º e 9º Ano, tendo uma representatividade de 4 e 6 páginas respectivamente e no caso dos 7º e 8º Ano, houve uma representação de 4 e 2 páginas, concluindo em uma totalidade de 16 aparições, mediante uma coletânea composta por uma demanda de páginas muito grande.

Acerca dessa representatividade já conseguimos notar um problema, que é a ênfase em outros critérios, mas a prática de fato, o ato de construção, não é trabalhado pelos livros, permitindo assim concluir que os alunos não terão uma preparação considerável, e, além disso, algo que deve ser focado é o fato de se for somente o livro o arcabouço para o ensino, ficará evidente que os alunos não terão uma bagagem efetiva para utilizá-lo em sociedade. É algo preocupante, porque defendemos a todo o momento que os gêneros textuais são veículos de utilização na sociedade para a comunicação entre todos e quando este não é construído em um local como a escola, certamente ficará difícil essa comunicação, que tanto defendemos.

Sobre isso Carvalho (2005, p. 135) conclui que “gênero é ação social, pois a ação ocupa papel de destaque, já que é por meio dela que *“criamos o conhecimento e capacidades necessários à reprodução da estrutura”* (grifo nosso)”. Vejamos, a prática é essencial para o saber efetivo, e ela é dependente do ato de praticar, construir esse saber. Esse saber é efetivado por o ensino propriamente, mediante as metodologias adequadas por cada docente, mas o que queremos aqui dizer, é que o conhecimento e a reprodução do gênero só é obtida se ele for praticado também, deste modo, notamos que não praticando muito a maneira de construir, é provável que ele não saiba de fato utilizar o gráfico adequadamente.

Ao atribuímos tanto essa importância de construir os gráficos, nos voltamos para as poucas aparições desse critério. Em todas as páginas que se encaixam nesse critério, notamos que o ato de construir é resultado apenas de uma análise de uma tabela, onde o gráfico é o

resultado final do que foi apreendido das informações na tabela. Em uma grande demanda de aparições, as expressões nos enunciados são: “Construa no caderno um gráfico que represente esses resultados”; “Construa um gráfico de barras verticais. Considerando o tempo das partidas”; “Segundo as instruções abaixo, construa outros gráficos para Henrique”. Vejamos o exemplar abaixo.

ATIVIDADES FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

1 A tabela abaixo apresenta os dados referentes à quantidade de salários-mínimos recebidos mensalmente pelos 40 funcionários da empresa Novolar.

| Quantidade de salários-mínimos por funcionário | |
|--|------------------------|
| Quantidade de salários | Número de funcionários |
| 2- 4 | 6 |
| 4- 6 | 5 |
| 6- 8 | 7 |
| 8- 10 | 9 |
| 10- 12 | 0 |
| 12- 14 | 5 |
| 14- 16 | 5 |
| 16- 18 | 3 |

Dados obtidos pela Empresa Novolar.

- Com base nos dados da tabela, construa um histograma.

2 As pessoas que acessaram um jogo *on-line* cadastraram-se e, depois de experimentá-lo, opinaram sobre o jogo. Um dos itens avaliados pela empresa detentora dos direitos autorais foi a idade das pessoas que gostaram do jogo.

| Distribuição, por idade, das pessoas que gostaram do jogo | |
|---|-------------------|
| Idade (em ano) | Número de pessoas |
| 10- 15 | 350 |
| 15- 20 | 500 |
| 20- 25 | 250 |
| 25- 30 | 150 |

Dados obtidos pela Empresa Megasoft.

- Com base nos dados da tabela, construa um histograma.
- O que você conclui observando esse gráfico?

(Processo construtivo do gráfico)

Acerca desse exemplar, que foi retirado do livro do 9º Ano, por virtude de ser o último ano do Ensino Fundamental, assim como também devido a representatividade do gênero a ser trabalhado, notamos muito do que foi dito anteriormente: o gráfico ser resultado de uma análise de uma tabela, que é trazida mediante uma situação, que Miller (2012) acredita ser coerente. Como é perceptível no exemplar, ele pede que o aluno construa um histograma, (que nada mais é que um gráfico formado por retângulos de mesma largura) sem que haja um trabalho minucioso acerca do gênero e da situação trazida. A importância é ele realizar o que se pede, no entanto como e de que maneira foi chegada a tal conclusão, ficou complexo.

Ao notarmos isso, trazemos a discussão também o grande problema para esse trabalho: a consideração de que o gráfico não é um objeto para trabalhar estatística puramente, mas sim que ele é um gênero textual também e que terminando esse critério e a análise, vimos que não ficou claro isso para os organizadores da coleção. Em toda a coleção isso não é trabalhado, conseguindo concluir que o fato de agir sobre o mundo mediante um gênero textual não é trabalhado, entrando em contraste com o que Marcuschi (2003, p. 22) atribui: “os gêneros textuais se constituem como ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo”.

Infelizmente, notamos que ainda há uma defasagem nesse ensino, mas mediante esse critério, que é o fim basicamente, onde seria a oportunidade dos alunos colocarem as posições referentes a todo o saber de mundo e do que é o gráfico de fato, juntos, não obteve sucesso

nenhum, finalizando que a construção também é um ato mecânico, assim como a resolução de atividades, com uma diferença: nas atividades eles iriam responder o que o exemplar trazia, e na construção, eles iriam colocar o que as tabelas e conteúdos pediam. Não podemos deixar de dizer que isso é bom, até certo ponto, pois eles devem trabalhar, responder, construir, levar o que os exemplares e demais gêneros textuais pedem, o que de fato implica a nossa discussão é a maneira como isso é realizado, de que modo esse gráfico é trazido e construído.

A todo o momento em nossas análises, acreditamos na necessidade dos alunos colocarem seus saberes acerca dos gêneros textuais, e atribuindo isso ao gráfico não seria diferente. Trabalhar com realidades dos próprios alunos também é muito importante e necessário, porque ele tem uma vida, uma cultura e ela deve ser utilizada como também o que é importante em sua cidade, ou seja, trazer para a escola aquilo que é pertencente ao mundo dele, no entanto, também conseguimos averiguar que nos livros isso não foi levado em conta. Voltamos a dizer que isso se restringe aos livros didáticos que focamos, pois é certo que em algum momento das escolas algum gênero seja trabalhado junto à cultura dos discentes.

O ato de construir, como percebido, era voltado para o que o livro trazia e não havia sugestões para o que poderia ser da vida deles e tornar-se um resultado, por exemplo. A vivência da cultura dos discente, neste caso, foi deixada de lado, é como se o que vem de fora suprisse o ensino e o que é deles não precisa ser trabalhado, esquecendo que muitos dos gêneros existentes são resultados de culturas diferentes. Sobre isso Bazerman (2011, p. 63) diz:

Certamente, é possível perceber que os meios de comunicação e os gêneros, assim como outros elementos da linguagem, são ferramentas disponíveis, historicamente em evolução, através das quais se pode realizar a interação social. Portanto, desse ponto de vista, os gêneros são a própria cultura. [...] Então, nesse sentido, um gênero pode ser visto como entrelaçado com a cultura. (BAZERMAN, 2011, p. 63)

Diante dessa visão do autor, notamos que a cultura, pertencente ao mundo dos alunos, não foi trabalhada. Os livros didáticos são arcabouços para trabalhar outras questões, mas a vivência e a prática de trabalhar o gráfico como gênero textual para a interatividade e até mesmo troca de saberes não ocorreu, tendo em vista que a sala é heterogênea.

Sendo assim, concluímos que nesse critério, onde a pergunta é a seguinte: construção dos gráficos: atividade de aula ou de vida? Respondemos que de fato, nessa coleção a construção dos gráficos é uma atividade de aula e para a aula, configurando-se em um livro, onde a prática exercida, de maneira mínima, é efetivada para realidade no ambiente escolar e não para o que eles vivenciarão na sociedade, que é o âmbito mais importante a fim de

exercer a interatividade e trabalhar outros assuntos relevantes, que às vezes são esquecidos, ou deixados de lado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento deste trabalho, conseguimos chegar a conclusões referentes à presença do gráfico nas aulas de Matemática, mediante um ensino tradicional em relação a sua função dentro do processo de ensino/aprendizagem. Diante dessa posição, conseguimos entender que nada mudou em relação à figura do gênero textual nas aulas, posto que a sua usabilidade volta-se a questões do campo da estatística propriamente, deixando o entendimento e exercimento de sua função de gráfico para outras possíveis matérias, exceto a que tem um campo maior de representatividade.

Diante disso, no decorrer de nossa pesquisa, conseguimos entender que muito mais que um gênero textual para ser estudado na escola, todo é qualquer gênero é fundamental para a veiculação e interatividade dentro da sociedade, tendo em vista que são eles, todos eles responsáveis por a comunicação existente entre os falantes de toda e qualquer comunidade, mediante as necessidades existentes. Sobre isso Marcuschi (2003), Miller (2012), Reinaldo e Bezerra (2012), demonstraram muito bem a função dos gêneros textuais, permitindo clareza em suas conclusões sobre o fato de que os gêneros são veículos de comunicação, que permitem o seu falante utilizar-se deles para estar no mundo e agir sobre ele.

Acerca disso, conseguimos obter conclusões diferentes a respeito de como a coletânea em questão (Projeto Araribá Matemática - 2014) trabalha o gráfico, diante do seu ensino aprendizagem. Sabemos perfeitamente e podemos concluir que os livros dentro das escolas são fortes aparatos para a execução da metodologia do professor e a aprendizagem do aluno, no entanto, não se pode negar a suas falhas e é sobre isso que concluimos a nossa pesquisa: a falta de visão e trabalho com o gênero textual gráfico, mediante a sua função, que é ser um gênero textual, presente na sociedade e necessitado de ser utilizado como gênero textual propriamente.

No transcorrer da pesquisa, diante de nossas análises, embasadas por Reinaldo e Bezerra (2012) sobre a consciência de gênero, o livro didático demonstrou que isso na coletânea em questão não existe, voltando a confirmar o que dissemos no início: os gráficos são suportes e entendidos enquanto conteúdo (estatística) basicamente, não trabalhando a comunicação, interação dentro da sala de aula, deixando assim a Língua de fora do ensino, onde na verdade Bazerman e Miller (2011) orientam-nos que é necessário ter em mente que a Língua está presente e acreditamos que em todas as matérias, por isso a fala de que o ensino deve movimentar-se a partir de uma visão de intertextualidade, pois cada uma ajuda a outra e tratando-se de gêneros textuais e de gráfico, é possível que esteja presente em todas e em

concomitância a Língua materna também, tornando-se assim o discente mais habilidoso e com uma bagagem de ensino mais sustentável.

Referente à representação dos gráficos em livros, Sousa (2013) trouxe suas conclusões bastante semelhantes com as que obtivemos, notando assim, que a problemática envolvida é bem visível em outros livros, perpetuando-se o ensino baseado na análise do gráfico e trabalho exclusivo para os dados lógicos no gênero, deixando-se de lado todo um trabalho mais aprofundado como propomos em nossas análises e que Carvalho (2005) também orienta. Sobre isso, conseguimos perceber também que estudos acerca dessa temática são poucos, e justamente por isso acreditamos na necessidade de um aprofundamento maior sobre, verificando outras coleções da matéria que nos voltamos como também outras, afinal, mencionamos que os gráficos podem estar presentes em todas as matérias.

Fazendo-se um panorama sobre o ensino dos gráficos, conseguimos entender muito bem, que tudo é ensinado, exceto a sua função dentro da sociedade, no sentido de gênero textual. É claro que não podemos a todo o momento negativizar a coletânea, pois mediante o ensino do gráfico, seguindo os padrões existentes no ensino dele, a mesma segue uma metodologia boa, utilizando-se da representatividade, introdução, atividades e etc. Porém, notamos que um aprofundamento maior sobre ele e seu uso propriamente, a mesma deixou um pouco a desejar.

Diante dessa situação, tornou-se também objetivo nosso, demonstrar a necessidade de trabalhá-lo como um veículo de comunicação, para que assim o seu ensino seja mais solidificado, baseado em um ensino que faça os discentes perceberem e entenderem que os gráficos que são trabalhados dentro da sala de aula, são os mesmo que representam-se na sociedade em que eles vivem e que por meio deles é possível dos próprios agirem e utilizarem sua cultura, por exemplo, em um campo maior de visibilidade como Bazerman (2011) trata, percebendo que os gráficos não são coisas distantes, mas sim próximos de sua realidade, o que basta na verdade é ser trabalhado eles dessa maneira.

Foi possível de notar, em todos os critérios estabelecidos, que em nenhum momento houve esse trabalho de reflexão sobre o gráfico, sobre a Língua, sobre o ensino, utilizando o aluno de maneira mais efetiva. Por este motivo, acreditamos que essa tradição se perpetue até hoje, porque não houve mudanças sobre isso. O livro didático, que é rico, que ajuda e muito, peca nessa questão, tornando em muitos casos inutilizável, por não transmitir tais informações, por não fazer esse aluno praticar a construção do gênero (realidade que vimos claramente em nosso corpus de pesquisa).

Sendo assim, concluimos nossas palavras com o desejo de poder ajudar o ensino e aprendizagem dessa geração que encontra-se no meio estudantil, assim como promover uma reflexão por parte das metodologias utilizadas por os docentes acerca do ensino com os gêneros textuais, todos eles, mas com ênfase nos gráficos. Esperamos que nosso trabalho seja um grande aliado da Educação, como também para os futuros professores, sejam os que estão finalizando ou não sua graduação, para que assim a escola também seja vista como um espaço também formador de cidadãos, não apenas ela, mas que ela seja vista como contribuinte.

REFERÊNCIAS

- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Martin W. Bauer, George Gaskell (editores); tradução de Pedrinho A. Guareschi. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BAZERMAN, Charles; MILLER, Carolyn. **Gêneros textuais**. Org. Angela Paiva Dionísio, Carolyn Miller, Charles Bazerman, Judith Hoffnagel; tradução Benedito Gomes Bezerra, Fabiele Stockmans DeNardi, Dário Gómez Sánchez, Maria Auxiliadora Bezerra, Joice Armani Galli. – 1. Ed. – Recife: [s.n.], E- book. (Série Acadêmica, v.1 : Bate – papo Acadêmico), 2011.
- DUARTE, Viviane Martins. **Textos multimodais e letramento. Habilidades na leitura de gráficos da folha de São Paulo por um grupo de alunos do ensino médio**. 219 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.
- CARNEIRO, Leticia Picanço; GOMES, Rosivaldo. **Análise dos movimentos retóricos do gênero tira: contribuições para o ensino de língua materna/portuguesa**. Estação Científica (UNIFAP), Macapá, v.5, n. 1, p.85-98, jun/jul. 2015.
- CARVALHO, Gisele de. **Gênero como ação social em Miller e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação**. IN: Gêneros: teorias, métodos, debates / J.L. Meurer, Adair Bonini, Desirée Motta-Roth, organizadores. – São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- GAY, Mara Regina Garcia. (2014). **Projeto Araribá: matemática**. 4 ed. São Paulo: Moderna, 2012.
- KOCH, Ingedore Vilaça. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. Editora Contexto, São Paulo – SP, 2006.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. IN: Gêneros textuais e ensino/ organizadoras: Angela Paiva Dionísio, Anna Raquel Machado, Maria Auxiliadora Bezerra. 2 ed. – Rio de Janeiro: Lucema, 2003.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MILLER, Carolyn. **Gêneros textuais, agência e tecnologia: estudos/** Angela Paiva Dionísio, Judith Chambliss Hoffnagel (organizadoras); [tradução de textos para o português Judith Chambliss Hoffnagel]. – São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- REINALDO, Maria Augusta; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais como prática social e seu ensino**. IN: Gêneros textuais: práticas de pesquisa e práticas de ensino/ organizadoras : Maria Augusta Reinaldo, Beth Marcuschi, Angela Dionísio. – Recife- PE: Ed. Universitária da UFPE, 2012, 205 P. : IL. – (Coleção Letras).
- SANTOS, Carmi Ferraz. **O ensino da língua escrita na escola: dos tipos aos gêneros**. IN: Diversidade textual: os gêneros na sala de aula. Organizado por Carmi Ferraz Santos, Márcia Mendonça, Mariana C.B. Cavalcanti. 1 ed., 1 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M.; CAVALCANTE, M.C.B. **Trabalhar com texto é trabalhar com gênero?** IN: Diversidade textual: os gêneros na sala de aula. Organizado por Carmi Ferraz Santos, Márcia Mendonça, Mariana C.B. Cavalcanti. 1 ed., 1 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOUSA, Priscila Cruz de. **Crêterios de textualidade do gênero gráfico: a interdisciplinaridade como fator para a compreensăo textual.** Cadernos de Aplicaçăo. Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 47-58, jan – jun, 2013.